



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA

LUÍZA THUANE NÓBREGA GUEDES

**DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS À SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS:
REFLETINDO O BULLYING E OS DIREITOS HUMANOS**

CAMPINA GRANDE – PB

2012

LUÍZA THUANE NÓBREGA GUEDES

**DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS À SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS:
REFLETINDO O BULLYING E OS DIREITOS HUMANOS**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura Plena Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de graduada.

Orientadora: Profa. Dra. Patrícia Cristina Aragão.

CAMPINA GRANDE – PB

2012

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB.

G924d

Guedes, Luíza Thuane Nóbrega.

Das histórias em quadrinhos à sala de aula nos anos iniciais [manuscrito] : refletindo o bullying e os direitos humanos / Luíza Thuane Nóbrega Guedes, 2012.
101 f. : il. color

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2012.

“Orientação: Profa. Dra. Patrícia Cristina de Aragão Araújo , Departamento de Pedagogia”.

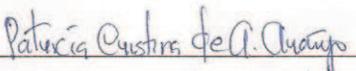
1. Psicologia Educacional 2. Violência Escolar 3. Bullying 4. Direitos Humanos I. Título.

21. ed. CDD 370.15

LUÍZA THUANE NÓBREGA GUEDES

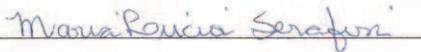
DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS À SALA DE AULA NOS ANOS
INICIAIS: REFLETINDO O BULLYING E OS DIREITOS HUMANOS

Aprovado em 05 / 12 / 2012



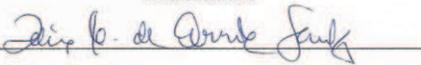
Prof. Dra. Patrícia Cristina Aragão/UEPB

Orientadora



Prof. Ms. Maria Lúcia Serafim/UEPB

Examinadora



Prof. Dra. Zélia Maria de Arruda/UEPB

Examinadora

CAMPINA GRANDE – PB

2012

Dedico este trabalho a Deus, luz divina e essência de nossas vidas, a Jesus nosso mestre, modelo de amor e amigo divino, à minha mãe querida e especial que amo muito que me apoia bastante e me incentiva nos estudos, a meu pai querido, à minha família querida, grupo no qual adoro estar, a meus amigos e amigas e à minha educadora, orientadora e amiga Patrícia Cristina Aragão que compartilhou uma grande e uma das mais importantes fases de minha vida, a fase da graduação e conclusão da mesma. Agradeço por toda a paciência, pelo carinho e pelo trabalho educacional desenvolvido com todo o amor, e simpatia.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ser a razão da minha existência. Por ser a força cósmica e universal que nos ampara, nos fortalece, nos abriga em sua energia branda, paciente e amorosa. Agradeço-lhe por fazer parte de seu projeto divino. Sou-lhe grata pela exemplificação constante de seu amor por nós, estando trabalhando em prol do bem e aprendizado de todos. Agradeço-lhe pelas suas leis sábias e coerentes, bem como pela natureza, que nos presenteia com sua beleza e delicadeza. Agradeço a Deus por sermos todos, sem exceção, integrantes dela. Agradeço imensamente a Deus por compartilharmos nossos dias com os animais, as plantas e árvores, o ar, a brisa, o sol, a lua, as nuvens e estrelas, pessoas especiais, enfim, por não estarmos sós. Agradeço-lhe, enfim, pela vida, pelas pessoas essenciais e especiais que fazem a minha vida muito mais alegre, pela oportunidade concedida e persistência de estar na Universidade Estadual da Paraíba cursando o curso de pedagogia formando-me profissional da área de educação a qual tenho imensa admiração e carinho.

A Jesus por realizar a mais difícil tarefa e mais importante: a vivência do amor verdadeiro exemplificado em todos os momentos de sua existência, desde a vinda até o planeta terra até os momentos atuais, trabalhando em outros planos do universo. Agradeço-lhe por interceder constantemente e vibrar intensamente por todos nós. Sinônimo de singelo, considero-lhe a dádiva brilhante de Deus.

À espiritualidade e aos trabalhadores de Deus, irmãos de toda a humanidade que nos acompanham e batalham em todos os minutos de nossas vidas eternas. São verdadeiros companheiros.

A meus pais por contribuírem com mais uma vinda minha a terra. Fábio Barbosa de Oliveira Guedes e Sueleide Nóbrega Gadelha, os amo. Agradeço em especial a minha mãe, simplesmente valiosa para mim, além de super mãe é, junto com minha tia Rh minha melhor amiga, irmã, e exemplo de pessoa. Amo muito as batalhas realizadas em prol de mim e de meu irmão.

A meu irmão, Luíz Felipe, por ser um grande amigo.

À minha família por ser a companheira de minha vida.

À minha amiga, conselheira e orientadora Patrícia Cristina Aragão, que teve bastante paciência e dedicação para comigo. Considero-lhe um exemplo de guerreira e verdadeira educadora, que aplica e vive o sentido verdadeiro de educar.

A UEPB por me proporcionar uma formação que acrescentou conhecimentos significativos à minha formação humana, pessoal e profissional, me fazendo enxergar o mundo e tudo que faz parte dele de forma crítica e transformadora.

A meus amigos e minhas amigas que acrescentaram alegria, sorrisos, diversão e aprendizados à minha vida. Que dividiram de minhas dificuldades, problemas, estresse. Que me aconselharam diversas vezes. Agradeço, em especial, à minha mãe, minha tia Rhayssa Késsia – obrigada amigas por estarem sempre comigo! à Maria Emanuela - amiga de sempre, dos momentos estressantes e difíceis aos divertidos e descontraídos; à Solange Nóbrega, Lamayrhe Leuviah, Germano Emanuel, Serismando Barros que proporcionou risadas a todos e todas da família. Agradeço ainda a Yoná de Melo, Sammara Cristina, Silvânia Nóbrega, Antônio Gadelha, Lorhanye Suelen, Viviane Martins e a tantos (as) outros (as) amigos (as) que fizeram e fazem parte de minha vida.

RESUMO

Esta pesquisa traz uma análise a respeito do fenômeno social bullying decorrente de práticas de violência nas relações interpessoais e sociais, ressaltando paralelamente seu grande contraponto, os direitos humanos, como alternativa para a desconstrução de valores de inferioridade e de desigualdade, bem como atos de discriminação quanto à forma de ser e viver do outro, além de atitudes de violência entre os sujeitos. Como objetivo de estudo buscamos analisar, a partir de oficinas pedagógicas com tirinhas de HQs da turma da Mônica, como os alunos/as dos anos iniciais percebem o bullying nelas contido e como estas se relacionam com os direitos humanos. Como referencial teórico, trabalhamos os estudos de Almeida e Bracht (2006) numa leitura sobre Bauman (1999); Oliveira (2008) baseada nas ideias de Boaventura; e Silva (2010). Nossa abordagem metodológica se refere à pesquisa qualitativa de cunho observativo – participativa com o uso de questionário e oficina pedagógica realizada em uma escola pública com alunos do 5º ano do ensino fundamental I. Observamos a partir da pesquisa realizada neste trabalho, que o bullying é um fenômeno social que se converte numa problemática presente nas relações estabelecidas no interior das escolas, sendo manifestada no comportamento dos sujeitos que ali se encontram. Dessa maneira, a educação, bem como os educadores, necessitam compreender cada vez mais o bullying objetivando promover um processo educativo de desconstrução de relações pautadas no desrespeito para, assim, fortalecer a construção de relações saudáveis, baseadas na alteridade e respeito às diferenças.

Palavras - chave: HQs. Bullying. Direitos humanos. Escola.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
CAPÍTULO 1 - EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA MODERNIDADE E O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: REFLETINDO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS	
1.1 - Educação e bullying no contexto dos anos iniciais.....	15
1.2 - Os Direitos Humanos e a desconstrução do Bullying: refletindo sobre respeito entre alunos do fundamental I.....	34
CAPÍTULO 2 - O POTENCIAL EDUCATIVO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NOS ANOS INICIAIS	
2.1 - As histórias em quadrinhos e sua dimensão educacional.....	44
2.2 - As histórias em quadrinhos da Mônica e as maneiras de ensinar sobre os direitos humanos.....	52
CAPÍTULO 3 - DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS AO CONTEXTO EM SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS: REFLETINDO SOBRE O BULLYING E OS DIREITOS HUMANOS	
3.1 - A reflexão sobre bullying e direitos humanos através das histórias em quadrinhos da turma da Mônica.....	65
3.2 – Desconstrução do bullying escolar: aprendendo com os alunos.....	79
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	95
REFERÊNCIAS.....	97
APÊNDICES.....	99

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como tema: *Da violência aos direitos humanos: uma análise da representação do bullying nas histórias em quadrinhos da turma da Mônica no ensino fundamental I*. Problemática social que vem mostrando-se bastante expressiva nos dias de hoje, apresenta uma necessidade gritante de ser observada, analisada e combatida. O bullying é uma prática de violência muito presente em diversas relações interpessoais e âmbitos sociais, entre os quais, a escola.

O objetivo do estudo foi analisar, a partir de oficinas pedagógicas com tirinhas de Histórias em quadrinhos da turma da Mônica, como os alunos/as dos anos iniciais percebem o bullying nelas contido e como estas se relacionam com os direitos humanos. Os objetivos específicos são: compreender o bullying na escola entre alunos dos anos iniciais e a perspectiva de se discutir sobre os direitos humanos; refletir como alunos dos anos iniciais percebem o bullying na escola; mostrar possibilidades educacionais nas histórias da turma da Mônica sobre o bullying e os direitos humanos no contexto escolar.

Diante da crescente ‘força’ das inúmeras formas de violência, a exemplo do bullying que vem alcançando as diversas instâncias sociais, como a escola e, atingindo conseqüentemente as relações interpessoais, dá-se a necessidade, cada vez maior, de discutir sobre tais questões, salientando o que esta problemática social causa de negativo na vida dos envolvidos com a mesma.

É preciso hoje, mais do que em qualquer outra época, educar os indivíduos quanto à importância da construção e prática do respeito nas relações, orientando - os de que, da mesma forma que desejamos ser aceitos em grupo e em sociedade, construindo o sentido/sentimento de pertence no ambiente ou lugar que frequentamos, o ‘outro’ também ‘carrega’ essa necessidade interior e possui o mesmo direito de ser inserido em um grupo de forma positiva.

O educador, como fundamental e significativo exemplo no processo de construção do caráter dos educandos, precisa em seu processo de formação profissional construir uma bagagem de conhecimentos sobre o combate à violência e respeito às singularidades, considerando a importância das características de cada um dos indivíduos.

Em sala de aula, ele deve promover seu trabalho baseado na alteridade, demonstrando, através de seu exemplo, a postura de igualdade e de respeito às diferenças.

Candau (2008) salienta que, em âmbito escolar, nos vemos diante de uma multiplicidade de configuração de sujeitos. A perspectiva do sujeito 'padrão', representado pela homogeneidade do perfil dos indivíduos não é mais compatível a nossa sociedade e momento histórico. As instituições escolares, bem como a equipe de profissionais que a formam não podem, de forma alguma, negar esta realidade ou tentar disfarçá-la, ou mesmo desenvolver um trabalho de recusa a essas questões, não as abordando em seu projeto educacional, uma vez que ela existe e está representada na própria sala de aula, através dos educandos e educadores, ou seja, de nós mesmos que as formamos. Além disso, o desafio de encarar a pluralidade e as diferenças está cada vez maior e mais amplo.

A função do educador abrange ainda trabalhar com os educandos a construção e desenvolvimento de relações grupais saudáveis, onde todos que os compõem sintam que fazem parte do todo, do coletivo, sendo aceitos da forma que são com suas características próprias e únicas.

As crianças apresentam a necessidade de inserirem-se num ambiente sadio, mantendo contato com uma educação da alteridade, respeitadora e preservadora de boas relações humanas. Além disso, necessitam presenciar e viver em meio a um âmbito que produza resultados benéficos. Nos estudos de Vygotsky, apud Lucci (2006), compreendemos que o indivíduo desenvolve-se e aprende em sociedade em meio a tudo o que o cerca, ou seja, o que o indivíduo observa e vivencia em seu dia-a-dia, nas relações sociais e interpessoais estabelecidas, fará parte de sua construção enquanto ser humano. Fará parte do desenvolvimento de sua personalidade.

Este é um dos grandes motivos que nos leva a destacar a importância que se deve dar ao estabelecimento de relações igualitárias, além da gravidade causada pelo desenvolvimento de relações carregadas de desrespeito, violência e ausência de tolerância às diferenças.

Todos nós indivíduos somos diferentes. Dessa forma é preciso que as crianças, desde cedo, compreendam que a diferença não é algo negativo, que ela está presente em

tudo a nossa volta. As ideias de ‘melhor ou pior’, ‘certo ou errado’ são construídas socialmente. São questões que a maioria dos indivíduos não apresentam por si mesmos, mas que vão inserindo em suas construções de conceitos tais valores.

É preciso que o educador utilize seu poder educacional para mostrar que cada ser humano possui seu valor e importância particular. Que as diferenças estão presentes em todos nós, e não em uma parte deles, e que estas diferenciações nos fazem quem somos, pessoas únicas.

Não se pode mais ignorar a diversidade existente em nosso país. O sistema educacional deve abarcar as necessidades e presenças vigentes no meio social, e a diversidade é uma delas. Por isso, consideramos tratar e desenvolver um estudo e análise sobre a problemática do Bullying tão arraigada e expressa nos dias atuais, assim como a relevância da busca pelo combate da mesma, instruindo à construção e enraizamento constante de relações sãs.

É, então, relevante construir, junto às crianças, valores transformadores e edificantes que vão ao rumo de uma nova compreensão acerca do valor ao respeito de nós mesmos e do outro, compreendendo que somos essenciais para o fortalecimento e formação de relações pautadas na alteridade. Temos a capacidade de transformar e nos transformar, fazendo surgir ao invés do silêncio diante das violências ocorrentes, atitudes de não conformidade com as mesmas, desenvolvendo propostas e alternativas para serem promovidas já na educação infantil e fundamental, para que as crianças cresçam e desenvolvam-se em meio a novas perspectivas de encarar e lidar uns com os outros, entendendo que os atos que tomamos carregam uma importância significativa na sociedade e naqueles que nela se encontram e convivem conosco.

Dessa maneira, compreendemos que é de suma importância a problemática social analisada neste estudo, uma vez que se encontra presente na vida de muitos sujeitos e que se inclui como elemento a ser discutido e analisado no trabalho de todo (a) educador (a), não podendo, de forma alguma, ser desprezado ou esquecido, mas sim observado para o desenvolvimento de atividades educativas de desconstrução de ideias e condutas intolerantes à imagem/aparência física, às religiosidades, à origem social, à situação financeira, enfim, a peculiaridades formadoras de cada indivíduo.

Consideramos de grande necessidade o interesse de tratar sobre temas como o bullying, a violência e os direitos humanos. Todos estes são temas sérios que precisam ser estudados e considerados. Os dois primeiros citados apresentam-se característicos de nosso atual momento histórico e social, são problemáticas que vem enraizando-se e concretizando-se em nossos espaços sociais de interação manifestados através do comportamento de determinadas pessoas. O último citado surge como alternativa mais apropriada para assegurar o estabelecimento de relações saudáveis onde os indivíduos sintam-se aceitos e respeitados pelo que são e como são, e contribuir ainda para a desconstrução de valores de inferioridade ou de discriminação para com o outro.

Percebendo que os direitos humanos de muitos indivíduos são lesados dentro do próprio campo escolar e, por consequência, compreendendo a necessidade evidente de se tomar atitudes de não conformismo, no combate aos comportamentos desrespeitosos, partimos para um estudo e pesquisa teórico - prático, ou seja, em campo, em sala de aula.

Almejamos, com esse estudo, contribuir para a compreensão e a valorização da alteridade, questão ainda pouco estudada com mais aprofundamento. Desejamos, ainda, contribuir para futuras pesquisas desenvolvidas nesta área que são e continuarão sendo de grande utilidade para a formação dos profissionais da educação. Esperamos, com isso, que esta pesquisa venha a fornecer uma significativa contribuição para o curso de pedagogia, campo de preparação dos educadores que irão lidar com os primeiros anos do desenvolvimento e da aprendizagem dos indivíduos, que necessitarão trabalhar as questões do respeito e tolerância desde cedo, tornando-se, assim, singulares e relevantes professores que farão a diferença na formação do ser.

As questões orientadoras deste trabalho partem de pontos: de que maneira o bullying ocorre nas escolas entre turmas dos anos iniciais? Quais as contribuições das histórias em quadrinhos da turma da Mônica para a discussão entre alunos dos anos iniciais sobre o bullying na escola e a questão dos direitos humanos?

Como referencial teórico nosso embasamento partiu dos estudos de Almeida e Bracht (2006); Candau (2008); Oliveira (2008) e Silva (2010) na discussão do bullying; trabalhamos com Freire (2006) para compreender a importância do diálogo como

‘ferramenta’ para uma educação libertadora, além de Rittes (2006) para discussão sobre os quadrinhos.

Trabalhamos no ensino fundamental I a perspectiva da violência e do bullying baseados em Oliveira (2008), através de seus estudos sobre Boaventura de Souza Santos e Silva (2010), com suas pesquisas que compreende trabalhos que envolvem este fenômeno social, indo desde sua conceituação até as classificações dos ‘personagens’ nele inseridos, além de trazer uma esplanção a respeito das consequências que esta problemática traz à vida tanto da vítima quanto do agressor.

No segundo momento da pesquisa, fomos à escola e conversamos com a gestão e com a educadora regente da turma selecionada e, com a permissão de ambas, iniciamos o encontro com as crianças com uma breve explicação e troca de informações a respeito do bullying. A turma mostrou-se bastante participativa e acrescentou diversos conhecimentos prévios acerca da temática discutida. Após o diálogo estabelecido, aplicamos um questionário com 11 perguntas, algumas abertas outras fechadas, que traz as respostas dos alunos e alunas participantes, além da sua avaliação minuciosa, detalhando a percepção dos educandos e educandas a respeito da conceituação sobre bullying.

No terceiro momento, realizamos uma aula discussiva sobre a representação do bullying nas histórias em quadrinhos da turma da Mônica, mais precisamente na relação entre Mônica e Cebolinha. Fizemos uma exibição de tirinhas e quadrinhos selecionados objetivando realizar uma análise de uma problemática ali reproduzida bastante presente em nossa realidade em geral, bem como em nosso cotidiano escolar. Várias falas da maioria dos alunos e alunas confirmavam a existência e a prática do bullying na escola pesquisada.

No quarto e último momento da oficina realizada, relembramos brevemente o que havia sido desenvolvido no último encontro. Depois de falarmos um pouco sobre a discussão em torno das tirinhas e quadrinhos trabalhados e analisados, aplicamos uma ficha. Essa última continha quatro perguntas, todas elas abertas.

A pesquisa aqui realizada é de cunho qualitativo, visto que utiliza os sujeitos como elementos a serem analisados. Diz Oliveira (S/a e S/p) que este tipo de pesquisa

“defende o estudo do homem, levando em conta que o ser humano não é passivo, mas sim que interpreta o mundo em que vive continuamente”. Numa pesquisa como essa a compreensão que os sujeitos possuem sobre o determinado objeto de análise estudado e pesquisado será bastante relevante. Esses estudos têm como objeto os seres humanos. O método qualitativo ainda é chamado, como diz Oliveira, de *interpretacionismo*, ou seja, a interpretação dos indivíduos participantes da pesquisa é o que interessa na pesquisa pautada no método qualitativo.

Nosso trabalho está organizado em uma introdução e três capítulos. O capítulo 1 intitulado: *Educação no contexto da Modernidade e o bullying no contexto escolar: refletindo sobre os direitos humanos*. Esse capítulo se detém a discutir e estabelecer diálogo sobre a configuração da época histórica e social na qual nos inserimos, fazendo uma explanação sobre a repercussão que os elementos desta sociedade trazem à formação do indivíduo, além de mostrar os direitos humanos como solução para o desmanche de atos de violência e desrespeito para com o outro.

O capítulo 2 tem por título: *O potencial educativo das histórias em quadrinhos nos anos iniciais*. Esse capítulo foca as histórias em quadrinhos como elementos ‘enriquecedores’ da prática educativa, além de ‘ferramenta’ que possui significativa capacidade educativa. Traz tiras e quadrinhos que são analisados detalhadamente.

O capítulo 3 tem como título: *Das histórias em quadrinhos ao contexto em sala de aula nos anos iniciais: refletindo sobre o bullying e os direitos humanos*. Nele, discutimos sobre as práticas do bullying com alunos e alunas de uma sala do 5º ano do ensino fundamental I e apresentamos dados e sua análise coletados através de questionário e desenvolvimento de oficinas.

1 EDUCAÇÃO NO CONTEXTO DA MODERNIDADE E O BULLYING NO CONTEXTO ESCOLAR: REFLETINDO SOBRE OS DIREITOS HUMANOS

1.1 Educação e bullying no contexto dos anos iniciais

As inúmeras transformações sociais e históricas ocorridas no mundo e os avanços educacionais, intelectuais, econômicos e “sócio-estruturais” (BAUMAN, 1999) ocasionaram modificações em diferentes épocas da história no que se refere às estruturas composicionais dos grupos culturais. Mesmo com o desenvolvimento das culturas e povos, ou ainda o crescimento de pesquisas, análises no campo das ciências e a ampliação do sentido dos estudos pedagógicos, ainda hoje, na conhecida era da modernidade como diz Bauman (1999), há uma contradição entre o termo usado para denominação de nossa época, relacionado a “moderno”, com o funcionamento das ações humanas e a construção da ordem.

Alguns pensadores denominam a atual época histórica de Pós-moderna, Bauman (1999) apud Almeida e Bracht (2006), por sua vez, discorda, pois segundo ele, o presente momento histórico é marcado pela ausência de transformações e mudanças profundas na estrutura da organização da sociedade que nos leve a nos situar em um novo espaço histórico. De acordo com esse autor, continuamos na Modernidade, pois não existe, para ele, a Pós-modernidade, como afirmam alguns estudiosos. Permanecemos na mesma era pelo fato de não ter acontecido mudanças significativas que promovessem um progresso, já que dessa forma aconteceria um certo avanço, levando a sociedade a transformar-se, conseqüentemente situando-se em um novo momento da humanidade.

A antiga Modernidade possuía a característica de *ordem como tarefa* ‘previsível e controlada’. Nesse período, o industrialismo se fortificava cada vez mais, tomando forma mais enraizada. Bauman (1999) apud Almeida e Bracht (2006), utiliza o Capitalismo para exemplificar a semelhança do objetivo deste sistema econômico com a finalidade da ordem vigente até então. A ordem respectiva a essa modernidade, assim como o Capitalismo buscavam um controle regular, estável dos sujeitos sociais que fugisse da normalidade. Por isso, estes autores ao discutirem a partir de Bauman, denominam a antiga Modernidade de sólida, já que as estruturas construídas, assim como a ordem, eram estabelecidas de forma que ficassem permanentes e fortes, onde não houvesse

flexibilidade ou possibilidade de mudanças no sistema. Nas palavras de Bauman (1999) apud Almeida e Bracht (2006)

[...] na maior parte de sua história, a modernidade foi uma era de ‘engenharia social’ em que não se acreditou na emergência e na reprodução espontânea da ordem; com o desaparecimento das instituições auto-regenerativas da sociedade pré-moderna, a única ordem, a única ordem concebível era uma ordem projetada com os poderes da razão e mantida pelo monitoramento e manejo quotidianos (p. 57).

É isso que nos faz “viver no rastro”, conforme afirma Bauman (1999) apud Almeida e Bracht (2006), de uma era anterior (também denominada Moderna, iniciada por volta do século XVII, mais precisamente na Europa Ocidental) e permanecermos na mesma, com o mesmo sistema de ordem, de objetivo e de pensamentos. Com relação a essas ideias, Almeida e Bracht (2006) dizem:

Disso resulta que não há, em nossa atual conformação societal, nada que assegure estarmos vivendo num novo período histórico radicalmente novo e diferente do seu antecessor, a tal ponto de tornar o prefixo “pós” (moderno) indispensável à sua caracterização (p. 62).

Não existe, assim, possibilidade de estarmos situados em um novo período histórico, com sistemas e estruturas totalmente inovados. Utilizando declarações de Bauman (2001), Almeida e Bracht (2006) continuam tratando da ideia de modernidade dizendo:

[...] essa sociedade que adentra o século XXI não é menos moderna do que a que entrou no século XX; para ele, o máximo que se pode dizer é que ela é moderna de um modo diferente (p. 63).

Todo o sistema que perpetua da Modernidade para a “Pós-modernidade” (a atualidade), é considerado por Bauman como uma construção fracassada. Na verdade, existe uma readaptação do que foi estruturado anteriormente, adequando-o aos dias atuais. Almeida e Bracht explicam que “A pós-modernidade é [...] a modernidade reconciliada com sua própria impossibilidade – e decidida, por bem ou por mal, a viver com ela.” (ALMEIDA e BRACHT, 2006, p. 62).

Mas o que caracteriza-nos como sociedade Moderna? Analisando Bauman (2001), a partir das discussões de Almeida e Bracht (2006), compreendemos que o que define essa particularidade (traço) é a

compulsiva e obsessiva, contínua, irrefreável e sempre incompleta *modernização* (...) em nome da produtividade ou da competitividade [...] *impossibilidade* de atingir a satisfação (...). Ser moderno significa estar sempre à frente de si mesmo, num Estado de constante transgressão [...] (p. 63-64).

Bauman (2001) apud Almeida e Bracht (2006), mesmo considerando que não presenciamos um novo período histórico, afirma que nos situamos em um novo tipo de Modernidade. A Modernidade anterior foi sendo substituída e hoje se apresenta como Modernidade líquida. Bauman optou por chamá-la assim em vez de Pós-moderna, uma vez que o prefixo Pós dava uma impressão de novo período histórico, e este não aconteceu ainda.

Este termo elaborado por Bauman tem um significado que se adéqua a nossa atual sociedade. Este significado remete-se a impermanência, incontinuidade, indurabilidade de todas as relações desenvolvidas entre e pelos humanos. Para ele, a Modernidade anterior era caracterizada pela solidez de suas estruturas estabelecidas, como por exemplo, sua ordem. Todas elas seguiam um percurso pensado. Já na atual Modernidade, segundo Bauman (2003) apud Almeida e Bracht (2006), tudo

[...] está agora sempre a ser desmontado, mas sem perspectiva de nenhuma permanência. Tudo é temporário. É por isso que sugeri a metáfora da ‘liquidez’ para caracterizar o estado da sociedade moderna, que, como os líquidos, se caracteriza por uma incapacidade de manter a forma. Nossas instituições, quadros de referência, estilos de vida, crenças e convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificar em costumes, hábitos e verdades ‘auto-evidentes’. (p. 66)

Almeida e Bracht (2006) ainda acrescentam que “agora todas as coisas – empregos, relacionamentos [...] – tendem a permanecer em fluxo, voláteis, desregulados, flexíveis” (p. 67). Neste processo de flexibilidade, o sistema econômico de nossa era, o Capitalismo, também sofre uma alteração em seu processamento. Este mesmo deixa de ser ‘pesado’, ‘preso ao homem’ como se fosse parte de seu corpo, que o mantivesse agarrado à fábrica, passando, então, a ser mais expansivo, estendendo-se a distantes horizontes, ultrapassando os limites, processando-se de forma rápida, ao mesmo tempo em que se assegura que não haverá falta de público que o – sustente, já que as pessoas, na medida em que fazem uso do Capitalismo, o – alimenta.

Almeida e Bracht (2006), nos estudos sobre Bauman, (1999, 2001) comentam que com toda essa passagem de um estágio a outro, a sociedade, antes caracterizada como sendo produtora, passa agora a ser consumidora. A norma do momento não é baseada na mão de obra árdua, agora a sociedade é conduzida ao consumismo, a ‘gastar’, a ‘abusar’ das coisas que são oferecidas pelo sistema econômico vigente, o Capitalismo. Essa forma de levar as pessoas a consumir é realizada por meio do mecanismo da sedução. A própria sociedade, num movimento de massa, onde todos têm de acompanhar uns aos outros nesse consumo, trata de ‘seduzir’, ‘encantar’, aquele que ainda não adentrou ou ainda não se adaptou nessa forma de viver.

Percebemos, assim, que há um certo controle maior, que não deixa de existir e não nos permite ser totalmente livres. Em muitos momentos pensamos que somos livres, mas essa ‘liberdade’ é bastante restrita. Somos ‘ajustados’ ou mesmo ‘controlados’, na maior parte de nossas vidas, por uma força que independe de nossa escolha. Muitas vezes isso acontece sem percebermos, por não refletirmos nem questionarmos os acontecimentos. Este controle que se expressa na forma de sedução é algo que já está pronto, estabelecido em nosso grupo social e que nos influencia em muito. Quem resiste a ‘seguir’ ou ‘acompanhar’ determinados comportamentos sociais apresentados pela maioria das pessoas, é, muitas vezes, considerado atrasado, inadequado, sendo, então, ‘obrigado’ a acompanhar parte do processo.

Hoje, os acontecimentos ocorrem de forma rápida, diria que até instantânea. Ou seja, todos nós temos que nos adequar a um ciclo que se move “num piscar de olhos”. É comum ouvirmos frases como: ‘Hoje em dia, o tempo não dá para nada!’. ‘ O tempo, hoje, voa’. Esse aceleração ‘das horas’ ou do ‘tempo’, como muitos pensam, não é necessariamente um ‘aceleração do tempo’ por assim dizer, mas sim um movimento acelerado das atividades humanas decorrente da nova fase/faceta do Capitalismo que converge no imediato.

Diante disso, aquele considerado como ‘atrasado’ ou ‘inadequado’, como citei anteriormente, que resiste a adentrar nos costumes da maioria, no caso o consumismo exacerbado, é “vigiado” pela maioria. Nas palavras de Bauman (2000) apud Almeida e Bracht (2006) “em vez de poucos vigiarem muitos, agora são muitos que vigiam poucos

[...]” (p. 71). Estes poucos se remetem aos que buscam sustentar o quanto puderem não aderir a determinadas práticas impostas pelo sistema que rege a sociedade.

Sendo assim, não existe apenas uma autoridade geral, mas várias delas. Estas se comprometem em fazer sua coordenação e ‘monitoramento’. Em meio a tudo isso, a essa individualização cada vez maior e crescente, o que antes era público passa a ser dirigido pelo privado. Todas essas novas características das estruturas sociais tem sua parcela de influência no comportamento de cada indivíduo, influenciando também a escola, que por sua vez reflete na formação do indivíduo, querendo ou não.

Pode-se afirmar com isso, que, na situação presente, a segurança que existia com mais firmeza antes não existe hoje, tendo em vista o nível de violência a que chegaram as relações humanas, sendo gradualmente significativo, inclusive nas escolas. Essa atual sociedade não garante condição de certeza das coisas. BAUMAN (1998) apud Almeida e Bracht (2006) diz que “[...] os homens e as mulheres trocaram um quinhão de suas possibilidades de segurança por um quinhão de felicidade” (p. 73). É uma situação de total incerteza. Ao mesmo tempo em que é oferecido um ‘mundo de consumo’ que nem tudo é garantido.

Aos poucos o Estado, compreendido com um comando mais universal, na medida em que vai esquivando-se de alguns espaços dando lugar ao privado, ‘livra-se’ de algumas de suas obrigações e responsabilidades, colocando nas ‘mãos’ do poder privado, compreendido aqui como uma iniciativa individual, o comando de determinadas instâncias, e com essa iniciativa, deixa às comunidades ou grupos sociais a responsabilidade de defender-se.

Com isso, estes grupos buscam, então, a violência como forma de se autoafirmarem. Essa violência permanece nas tribos¹, não atingindo o grupo dominante, situado numa ‘classe acima’. Dessa forma, os dominantes permanecem na ‘zona de conforto’, e as tribos reagem utilizando a violência que por sua vez é reflexo dessa não preocupação ou negligência por parte do grupo ‘superior’.

Com todo esse esclarecimento, entendemos o porquê de a violência ser uma questão política, econômica, social, não apenas psicológica. Tudo está interligado. Tudo

¹ . Termo usado por Bauman para se referir a grupos sociais dominados.

reflete de forma única a vida, formação e desenvolvimento de cada indivíduo, influenciando sua construção acerca da compreensão de mundo, de sociedade, de relações-humanas, de educação, de valores, entre outros.

Refletindo sobre a sociedade atual concluímos que toda a sua característica de privatização favorece o desenvolvimento, em geral, de posturas individuais e conseqüentemente atitudes individualistas. Almeida e Bracht (2006) esclarecem que “Isso significa que a individualização é uma fatalidade, não uma escolha; a opção de escapar à individualização está completamente fora de propósito [...]” (p. 75-76).

É isso que vemos atualmente à nossa volta no meio social. Cada vez mais as pessoas tornando-se individualistas e expectadoras da vida umas das outras. A perspectiva de coletividade vai se diluindo e o próprio sistema lança-lhe para a competição, favorecendo, ainda mais, pensamentos e atitudes individualistas em prol do sucesso e crescimento pessoal. A falta de atitudes solidárias pode ser explicada pela própria ideologia que paira sobre nossa sociedade. São incumbidas estas ideias e valores em nós, durante o longo processo de nossa construção e formação mental.

Observamos, então, que há uma grande contradição na sociedade. O sistema oferece um ‘mundo’ no qual não dá conta de proporcioná-lo. Cria-se a ilusão, que no caso são as seduções explicadas anteriormente, onde o ser humano acredita ‘poder muito’; ‘alcançar muito’ e, no entanto, depara-se com a impossibilidade disto acontecer da maneira como se quer.

Diante disso, o estado social leva o indivíduo a perceber mais cedo ou mais tarde, que existem problemas aos quais não há solução no momento. Existem dificuldades sociais das mais diversas, que ainda permanecerão entre nós enquanto não houverem propostas concretas para combatê-las, ou não houver pessoas engajadas e verdadeiramente interessadas, dispostas a movimentarem-se e produzirem uma perspectiva de Educação crente no poder de concretizar metas e ocasionar transformações significativas na vida dos educandos e das pessoas em geral.

Mesmo com todas estas dificuldades presentes em nossas vidas de um modo geral em inúmeras instâncias que instalamos e frequentamos, por exemplo, a família e a escola, é preciso ter a consciência de que mudanças são possíveis, mas estas não

dependem de um único indivíduo. O professor não conseguirá mudar determinadas questões que independem de sua vontade, mas nem por isso é alguém inútil ou incapaz de fazer diferente. Pode promover mudanças no espaço em que se encontra, assim como na vida das pessoas próximas a ele. Pensando e utilizando a educação como ferramenta transformadora Freire (1996) nos diz: “Outro saber que não posso duvidar um momento sequer na minha prática educativo-crítica é o de que, como experiência especificamente humana, a educação é uma forma de intervenção no mundo” (p. 98).

Já que nos situamos em um contexto de múltiplas ideias e percepções de mundo, como discutem Almeida e Bracht (2006) onde há uma pluralidade das formas de vida, a educação necessita ter um propósito que considere essa diversidade. Uma vez que ela abarca essa pluralidade de situações de vida, de linguagens, de desigualdades, deve introduzir ao seu objetivo formar seres pensantes, questionadores da vida e de tudo que se inserem nela, como também seres “capazes de ser sujeitos de suas vidas, conscientes de suas opções, valores e projetos de referência e atores sociais comprometidos com um projeto de sociedade e humanidade” (CANDAUI, 2008, p. 13).

Nesse contexto, a educação se converge numa ferramenta que, mesmo recebendo influência de todo esse contexto social propício ao individualismo, traz ao ser humano a possibilidade de buscar transformações e avanços. É preciso acreditar que a educação transforma. A escola é um espaço de poder, uma vez que esta é construída com vista a promover o ensino e aprendizagem dos educandos que ali frequentam. A instituição escolar não é somente um prédio ou espaço físico destinado a receber e acolher crianças, jovens e adultos, mas é também um espaço onde estão presentes diferentes ideologias, diferentes contextos de vida e onde se propicia a formação de mentes, valores e convicções.

Os profissionais membros da escola: professores, supervisores, psicólogos, coordenadores, entre outros, não podem deixar de realizar uma das principais tarefas que auxilia no desenvolvimento e aprendizado dos alunos. Esta tarefa é estabelecer relação com a família dos mesmos que frequentam a instituição escolar. Buscar conhecer a história de vida dos educandos, como também as comunidades nas quais eles vivem. Infelizmente isto, em muitos casos, não acontece, e quando acontece é realizada de forma

superficial ou mesmo mecânica, sendo feita por que determinadas normas do sistema de educação ou projetos políticos voltados à pedagogia determinam que sejam feitas.

As diversas instâncias sociais nas quais vivemos ou freqüentamos, disseminam diferentes ideias e valores. Em muitas delas, prega-se atitudes equivocadas a respeito de educação em seu sentido ético. Algumas crianças têm em casa exemplos de relação entre pai e mãe baseada na falta de respeito um ao outro. Em outros casos os familiares tratam-se de maneira grosseira ou até mesmo violenta. Outras situações a própria criança, ou mesmo um idoso, ou adulto é vítima de violência promovida por algum de seus parentes. A ausência da valorização dos bons costumes e das atitudes educadas e respeitadoras entre as pessoas estão presentes em nossa sociedade.

O problema da falta do respeito atinge cada vez mais, de forma crescente, a vida das pessoas. A ausência da sensibilização no ser humano gera inúmeras dificuldades nos relacionamentos sociais. Este fator é preocupante, pois à medida que as pessoas se importam cada vez menos umas com as outras se torna insignificante o sofrimento que o outro passa. A indiferença é um comportamento que contribui, em muitos casos, para uma possível exclusão de determinadas pessoas ou grupos que são “vistos” como desnecessários para os grupos de destaque e de domínio social.

Vivemos uma espécie de momento de crise moral, expressa nas relações humanas. Um dos aspectos que têm caracterizado nossa sociedade nos últimos anos é a crise ética. Um indivíduo desequilibrado é fruto de uma sociedade e de uma família desequilibradas. Todo o contexto influi o ser humano de forma significativa.

Vygotsky (1996) de acordo com Lucci (2006), ao elaborar sua teoria do comportamento humano, denominada histórico-cultural ou sócio-histórica traz uma compreensão de que a construção do ser humano acontece em meio às relações históricas, culturais e sociais. Lucci (2006) com base nesta abordagem teórica, explica que é no meio social que o indivíduo estabelece relações que influenciarão a sua formação enquanto ser. Ainda de acordo com ele, as interações são necessárias para a aprendizagem e desenvolvimento de qualquer ser humano. Nas palavras de Lucci (2006), baseado na teoria de Vygotsky (1996):

O homem é um ser histórico-social ou, mais abrangente, um ser histórico-cultural; o homem é moldado pela cultura que ele próprio cria; o indivíduo é determinado nas interações sociais, ou seja, é por meio da relação com o outro e por ela própria que o indivíduo é determinado; é na linguagem e por ela própria que o indivíduo é determinado e é determinante de outros indivíduos. (p. 05).

Desta forma, se torna necessário, refletir, discutir e dialogar sobre educação. Não pensar a educação somente de uma única forma, delimitando seu conceito ao processo de ensinar e aprender, ou como se pensa, muitas vezes, apenas como uma prática educativa formal. Educação não é algo que se encontra somente dentro das instituições de ensino formal, mas sim dentro de cada um de nós. Não é um conceito externo à vida do ser humano. É algo que surge de dentro de nós e que retorna para nós mesmos vivendo em nosso ser e expressando-se nas relações sociais que estabelecemos. É exatamente o que sai de nosso interior, aquilo que é colocado para fora, que precisa ser trabalhado numa perspectiva educativa.

Todos os indivíduos, sem exceção, possuem a capacidade e potencialidade de aprender e se desenvolver. Inserindo-se no meio social o ser se desenvolve na medida em que estabelece relações sociais. Nestas interações todos estão sujeitos a aprender em conjunto, tornando-se exemplo para que outros também aprendam com ele. Dessa forma, o indivíduo torna-se, ao mesmo tempo, educando e educador, que demonstra a educação não pelos discursos, mas pela forma mais importante: a vivência/expressão das atitudes. Educação, portanto, gera transformação, e essa mesma repercute na sociedade.

Compreendendo tudo isso, podemos entender que a educação se converte num processo que sofre mudanças ao longo dos tempos, decorrente dos diversos acontecimentos e fatos que se encontram na formação interna da constituição de um povo e que terminam por influenciar a compreensão do que seja educação, convergindo nas diferentes expressões educativas que existem na diversidade cultural e nas diferentes épocas da história da humanidade.

Perante a vasta diversidade na qual estamos ‘mergulhados’ e inseridos culturalmente, socialmente e historicamente, a escola, sendo uma instância educativa que busca formar cidadãos, é chamada, num processo contínuo, a encarar desafios sempre maiores. Um deles, atualmente, é o de encarar e lidar com as diferenças, com o diferente. As múltiplas culturas, religiosidades, estilos, comportamentos, etnias, sexualidades, entre

outras formas, veem mudar a perspectiva da escola de acostumar-se com o estável, com o comum, onde aquilo ou aquele que foge desse comum é visto como anormal ou estranho.

Nas palavras de Candau:

A cultura escolar está impregnada pela perspectiva do comum, do aluno padrão, do “aquí todos são iguais”. No entanto, as escolas estão cada vez mais desafiadas a enfrentar os problemas decorrentes das diferenças e da pluralidade [...] dos seus sujeitos e atores (2008, p. 14).

No campo educacional mais recente, temos educadores que primam por uma educação transformadora. Paulo Freire (1996) ressalta o sentido da educação como “ferramenta” alicerçada no diálogo, na autonomia e na liberdade. Segundo ele, o processo de ensino e aprendizagem deve abarcar o diálogo como base para uma boa relação em grupo, pois sem o mesmo não há como existir oportunidade para todos se posicionarem e buscarem resolver situações em conjunto, de forma a respeitar o posicionamento que cada um coloca, assim como não há como cada um inserir-se, efetivamente e ativamente, na sociedade se não se promove espaço para isso.

Diante de uma situação de violência escolar, o diálogo é uma alternativa que, auxiliará nesta problemática, pois ele estabelece a comunicação entre as pessoas de forma mais próxima e democrática, como indica Freire, onde todos os envolvidos se pronunciem e sejam ouvidos, de forma que a realidade e as experiências do educando sejam consideradas e respeitadas, para que, em seguida, busque-se compreender a situação e, dessa forma, através do esclarecimento e da reflexão sobre a problemática, no caso aqui violência na escola, iniciar o processo de combate a esta questão.

Precisa-se, cada vez mais, analisar, pensar e compreender o processo complexo, imprescindível e transformador que é a educação, expandindo o seu sentido, englobando as questões de viver o respeito a si mesmo e ao outro com maior fervor. É preciso que no dia-a-dia as pessoas ultrapassem os discursos e partam para a prática, e nela exercitem os deveres com a mesma intensidade que exercitam seus direitos.

Pensando na perspectiva da educação relacionada à moral, numa educação que prima por princípios éticos, podemos entender que ser uma pessoa educada parte de bons exemplos e boas atitudes, ou seja, o ato de boas condutas, englobando o ato de respeitar o ser humano, respeitando a forma e o jeito como este se apresenta diante de nós, aceitando

a sua maneira de ser, enxergando suas qualidades e o vendo como alguém que possui os mesmos direitos que qualquer outra pessoa possui de ser respeitado perante a sociedade.

Paulo Freire (1996), falando sobre educação, diz que a ética nos torna mais humanos perante o outro e que o indivíduo, seja educando ou educador, cresce como ser na medida em que as coisas são feitas com afeto, mas também com rigorosidade. Dessa forma, ele aprenderá pelo exemplo, e comprovará que a afetividade é extremamente necessária a todo processo de educar. Deve, assim, estar inserido nas relações estabelecidas em sala de aula, seja entre educandos (as) ou entre os mesmos com o educador.

As ideias de Candau (2008) se assemelham as de Freire (1996) quando ela diz que a escola está sendo convocada a ser um espaço de “análise crítica, estímulo ao exercício da capacidade reflexiva e de uma visão plural e histórica do conhecimento, da ciência, da tecnologia e das diferentes linguagens”. (p. 14).

As escolas, durante muito tempo, se configuraram com um projeto preparado e voltado para um modelo único, com ênfase na igualdade, promulgando um modelo de educação pautado na disseminação de uma única vertente, a vertente da “cultura ocidental européia” (CANDAUI, 2008, p. 15). Dessa forma, as outras culturas, até mesmo a cultura local de nosso país, a cultura negra e indígena, foram colocadas à margem na prática educativa, ou mesmo ignoradas, como acontece ainda hoje.

Perante essa situação, muitos indivíduos juntam-se para formar grupos que reivindicam questões estabelecidas. São os movimentos sociais, formados por aqueles que questionam determinados aspectos das instituições escolares, que ‘lutam’ por escolas que desenvolvam uma educação das culturas de maneira humanística, e não somente de uma única cultura, tida como a ‘melhor’ ou ‘maior’. Uma educação não racista, não excludente, voltada para todos os grupos sociais e não apenas um deles. Diz Candau:

situam-se estes movimentos cada vez mais na perspectiva da promoção de uma educação verdadeiramente intercultural, [...] anti-sexista, como princípio configurador do sistema escolar como um todo e não somente orientada a determinadas situações e grupos sociais (2008, p. 15).

Dentro das instituições escolares, as separações, as divisões de grupos, a intolerância à diferença ou ao novo vem tomando grande força. Alguns profissionais da educação trabalham em seus alunos a perspectiva de desmanche de tabus e barreiras entre

as pessoas. Em alguns casos esse processo vai mostrando bons resultados. Em outros nem tanto. Os alunos, frutos de uma sociedade onde a individualidade e a resistência ao diferente predominam, fogem de relacionarem-se e interagirem com aquilo que é classificado como diferente. O diferente, na atualidade, é considerado ruim ou menor.

Na maioria das situações, isso não parece ser uma atitude fácil para muitos. Para alguns parece ser algo desnecessário ou bobo. O que acontece é que, se alguém não se insere dentro dos padrões estabelecidos por determinados grupos que fazem a sociedade, padrões esses considerados como os “certos ou melhores”, esta pessoa é imediatamente excluída, já que não faz parte do “mundo da perfeição”, ou seja, o mundo dos grupos sociais que fazem as melhores escolhas, que possuem o melhor comportamento, composto pelas melhores pessoas, que possuem as melhores roupas, os melhores pertences, entre outros. Como afirma Almeida e Bracht (2006) baseados em Bauman (1998) “se o projeto de um jardim define o que é erva daninha, há ervas daninhas em todos os jardins; e ervas daninhas precisam ser destruídas [...]” (p. 58-59). Bauman (1998) acrescenta dizendo que isso acontece porque estas constituem “[...] uma feiúra no meio da beleza, desordem na serena ordenação [...]” (p. 59).

Almeida e Bracht (2006), ainda utilizando ideias de Bauman (1997), consideram que “trata-se apenas de um problema a ser resolvido, uma tarefa a mais para a razão. Precisam ser mortas por não se adequarem, por uma ou outra razão, ao esquema de uma sociedade perfeita [...]” (p.59).

O que dificulta esta situação é que, em alguns casos essa exclusão se associa a um processo sequencial de humilhação e rebaixamento do outro. Isto ocorre quando, não bastando que o “estranho” esteja fora do grupo tido como “normal”, ele precisa, ainda, ser rebaixado para entender que não é igual às outras pessoas e se colocar no seu lugar de inferior. Ele, então, torna-se uma espécie de “objeto de diversão” daqueles que o-xingam. Em muitos momentos, considera-se motivo de graça ou diversão zombar do outro, outras vezes exalta-se ou idolatra-se aquele que se considera superior e que humilha os que são “inferiores” a ele.

É neste contexto que surgiu uma denominação que busca englobar a violência no âmbito escolar: Bullying. Objeto de estudos de alguns pesquisadores da área, como Silva

(2010), que buscam analisar detalhadamente esta questão através de aprofundadas pesquisas e investigações, o Bullying é uma palavra inglesa, ainda sem tradução no Brasil, originada da palavra Bully, que significa valentão/brigão, como classifica a autora Silva, (2010, p. 21). Elaborada para denominar atos de violência ocorridos em diferentes ambientes, mais especificamente nas instituições escolares, entre crianças, jovens e até mesmo adultos. Ainda de acordo com Silva (2010, p. 23), estes atos podem ser classificados em:

- Violência física (chutes, socos, empurrões, espancamento);
- Violência psicológica, expressa através das agressões verbais (piadas, chacotas, apelidos, chantagens, ameaças);
- Ou mesmo o ato da violência virtual, conhecida como Cyberbullying. Considerada como uma nova forma de violência, as difamações e zombarias são difundidas por meio dos aparelhos tecnológicos de comunicação, como a internet, um dos meios de comunicação mais utilizados atualmente. Consideramos que a internet é um instrumento de comunicação que atinge um espaço gigantesco, atravessa barreiras, estendendo-se a lugares diversos e promovendo encontro de pessoas que se encontram fisicamente distantes. A internet é utilizada de formas diferentes, variando conforme o uso dos que a-utilizam. Em alguns casos, pessoas e grupos a-utilizam de forma negativa, com propósito de atingir outras pessoas, difamando e depreciando a vida pessoal de muitos (as).

Todas estas atitudes de violência citadas acima por Silva são sempre praticadas com uma intenção negativa, a de maltratar a vítima, submetendo-a a um processo constante de perseguição que não possui uma justificativa ou motivo que explique tal comportamento. Alguns dos fatores que conduzem prática desta violência são, na maioria das vezes, a aparência física, religião, orientação sexual, questão social, econômica entre outras.

Ressaltamos que o Bullying não é um problema recente, é um fenômeno social que sempre se fez presente nas relações humanas, porém, atualmente, as formas de violência se intensificaram. Entretanto, este passou a ganhar espaços de discussões na

mídia, nas universidades e nos campos de pesquisas da educação, tornando-se uma problemática que precisa ser estudada para propiciar meios para trabalhar com esta questão na escola, como por exemplo, buscas de alternativas e estratégias educacionais.

Dentre as diversas características que o Bullying apresenta, uma delas é a desigualdade de forças. Nesta relação, a vítima não consegue se defender do agressor, este último acaba se tornando “superior” ou “mais forte”, e a vítima se torna um indivíduo frágil e indefeso. Como explica Silva (2010):

de forma quase ‘natural’, os mais fortes utilizam os mais frágeis como meros objetos de diversão, prazer e poder, com o intuito de maltratar, intimidar, humilhar e amedrontar suas vítimas. E isso, invariavelmente, sempre produz, alimenta e até perpetua muita dor e sofrimento nos vitimados” (p. 21).

O que dificulta, em muitos casos, o diálogo sobre Bullying é que, em algumas instituições educacionais, assim como alguns educadores e familiares se negam a conversar com os alunos sobre tal questão. No caso das famílias, em sua maioria, se calam ou mesmo sentem dificuldades em tratar do assunto com seus filhos. As barreiras existentes que dificultam o diálogo em família ou na escola sobre esse tipo de violência acabam gerando conclusões que consideram tais atitudes como natural ao processo de desenvolvimento da criança. É necessário, então, distinguir o Bullying, onde as brincadeiras acontecem com um fundamento de maldade, de brincadeiras saudáveis típicas da infância, onde todas as crianças envolvidas se divertem, e não há prejudicados.

O que muitos pais e educadores não percebem é que determinadas ‘brincadeiras’ prejudicam a vida das crianças de forma significativa. É preciso lembrar que as vítimas de Bullying passam a apresentar problemas decorrentes das situações de violência vividas e estas características ajudam a identificar ocorrências deste fenômeno social.

Algumas delas começam a ter repúdio pela escola, tentando de todas as formas não frequentá-la. Isso acaba que prejudicando sua formação escolar. Outras delas demonstram dificuldade em se relacionar socialmente, resultando em sua exclusão dos grupos de crianças e jovens, assim como na dificuldade em se impor nas situações. Em casos extremos, o resultado acaba em suicídio, como observamos em relatos advindos

de diversos países como, por exemplo: Estados Unidos; Coréia do Norte, e o próprio Brasil.

Um dos maiores erros que se pode cometer é menosprezar o sofrimento da criança. O ocorrido não será sanado se os pais e educadores não se interessarem em auxiliar as vítimas. É preciso conversar. No caso do educador é preciso que ele analise o cotidiano de sua sala de aula, observando as relações estabelecidas entre os (as) educandos (as), e a partir disso, estabelecer o diálogo, elemento de suma importância que Paulo Freire levanta em seus estudos e pesquisas explicando que o mesmo é essencial para um bom e competente trabalho do docente/professor.

É necessário que ele também conheça o contexto social e a vida familiar dos mesmos, para saber se neste espaço existe algo que prejudica, de tal forma, que repercute no comportamento do ser. Já os pais devem conhecer o espaço escolar que a criança frequenta. Os colegas de classe, as atividades e brincadeiras que desenvolve.

A partir desse maior contato e maior proximidade com a vivência escolar da criança, o pai e o educador escolar saberão o que ocorre em volta, e, então, poderão auxiliar e até mesmo combater a violência entre alunos (as).

Neste universo do Bullying, existem os personagens. É preciso, então, compreendê-los. De acordo com Silva (2010, p. 37) existem três classificações para as vítimas do Bullying. São elas:

- A vítima típica: geralmente são alunos (as) tímidos, introspectivos, inseguros, reservados e com dificuldade de socializar-se em grupo por diversas questões, uma delas é a timidez excessiva. Na maioria das vezes, é alguém que não consegue reagir à situação de humilhação sofrida. A vítima sofre perseguição por apresentar características que são vistas como diferentes pela maior parte dos alunos (as). Ou são magras ou gordinhas demais, outras vezes são altas ou baixas demais, e por estas simples questões são submetidas a sofrerem Bullying, uma vez que estas diferentes são consideradas, pelo (s) agressor (s), motivo de riso e deboche, coisa que ninguém gostaria de passar. O ser humano tem o direito de ser

aceito socialmente, de inserir-se no meio social e nos grupos que o – compõe. É preciso, então, compreender que ninguém é melhor que ninguém e que todos somos iguais e possuímos os mesmos direitos. É o que nos asseguram a Constituição Federal e a Lei dos Direitos Humanos.

Além de todos esses aspectos acima levantados, as deficiências, o nível social, cultural, a religião, a sexualidade são outras questões que podem gerar discriminação, dependendo da forma como é vista e compreendida pelos que convivem com esta diversidade.

Qualquer comportamento diferente que rompa com estabelecido considerado como “normal” pela sociedade, é visto como esquisito e estranho. Consequentemente colocado à “margem” dos grupos dominantes, não sendo aceito como parte do todo.

Pelo fato de as vítimas típicas demonstrarem dificuldade em expressar-se e comunicar-se em público, ficam, assim, expostas pela sua extrema fragilidade e tornam-se alvos fáceis de bullying, sofrendo com a exclusão e perseguição pela sua maneira de ser que não é compreendida e aceita pelos que estão à sua volta.

- A vítima provocadora: São aquelas que instigam, nos colegas, agressão. Incentiva-os a brigar e até discutem quando são insultadas, mas não conseguem defender-se de forma completa. Silva, (2010), explica que “nesse grupo, geralmente encontramos as crianças ou adolescentes hiperativos e impulsivos e ou/imaturos, que [...] acabam [...] chamando a atenção dos agressores genuínos”. (p. 40). Esta mesma autora, ainda relata a história de uma criança que apresentava TDH (Transtorno de hiperatividade), que, por causa de seu comportamento agitado e do não controle dos impulsos, reagia às agressões verbais que sofria por parte da turma de forma nervosa e assim ficava visto por todos, inclusive pela professora, como o descontrolado ou aquele que ‘dá trabalho’ e agita a turma. Nessa situação toda, os verdadeiros encenqueiros passavam despercebidos na história, já que toda a atenção se voltava para a criança com TDH, e assim se divertiam com o problema enfrentado pelo colega com TDH.

- A vítima agressora: Nesta classificação estão os indivíduos que sofrem Bullying e que reagem a esta violência sofrida com a agressividade. Usam a violência como forma de defesa. As vítimas agressoras, ao sofrerem Bullying, constroem uma situação semelhante a um ciclo de bumerangue, onde aquele que o – lança recebe - o de volta. Interpretando isto, compreendemos que o agressor recebe como retorno aquilo que ele causou. Ou seja, se ele emite violência a alguém, este alguém (classificado como vítima agressora), emite de volta a agressão sofrida. Torna-se, assim, um ciclo de produção de violência constante.

Saindo do universo das vítimas de Bullying, adentraremos agora, no universo do agressor, também conhecido como Bully.

- O agressor: Na maioria das vezes apresentam comportamentos comuns. Demonstam traços de liderança e de insensibilidade, além traços de desrespeito. Os agressores podem ser menino ou menina e podem agir sozinhos ou em grupo. Demonstam, em seu meio de convívio: família, escola, repulsa a normas e a cumprir com as mesmas. O desempenho escolar normalmente é fragilizado, sendo resultado, em alguns casos, de um desinteresse pelo estudo. Existe, aqui, uma ausência de afetividade. Esta pode ser proveniente de um lar ou família desestruturados, onde há violência expressa em uma de suas formas ou mesmo a inexistência de afeto, como carinho, amor, compreensão entre outros. Muitos deles não são tocados sentimentalmente pela situação de sofrimento alheia. Alguns deles até riem de tal situação.

Diante de toda a compreensão social que foi esboçada neste capítulo a partir das ideias de Bauman, numa leitura de Almeida e Bracht (2006), como a compreensão da psiquiatra Silva (2010), buscamos analisar os agressores e a causa de seus comportamentos. Então nos perguntamos: Qual a causa do agressor agir da forma que age? Não podemos enxergá-los como vândalos ou bandidos. Eles são fruto, assim como nós, de um contexto social maior “recheado” de desigualdades, de ilusões, de fantasias, de violência, de fracassos, e de outras estruturas negativas que atingem, de forma

particular, cada indivíduo. Não podemos esquecer também que cada pessoa possui um temperamento único, que, por assim dizer, difere de pessoa para pessoa. O modo de agir e de pensar das pessoas é diferente. Também não podemos negar as questões psicológicas que fazem parte da formação do ser humano e que também explicam parte dos comportamentos humanos.

O social influi na construção do psicológico do ser e este psicológico recebe as influências provindas deste espaço histórico e social. Ainda segundo Silva (2010, p. 45) há outro personagem presente nas situações de Bullying. Ele está subdividido em três tipos, são eles:

- Expectador (es): São alunos que presenciam a ocorrência do Bullying realizado pelo agressor em alguma(s) vítima(s) mas não tomam nenhuma atitude em relação a isso. Não defendem as mesmas, nem se juntam ao agressor. Permanecem “parados” perante a situação. Mas os expectadores podem ser subdivididos em:
 - Expectadores passivos: São aqueles alunos que não agem durante a situação do Bullying e não defendem as vítimas por medos de também serem agredidas ou perseguidas ou ainda de se tornarem as próximas vítimas. Em alguns casos não concordam com a agressão feita aos colegas, mas não conseguem se posicionarem perante tal humilhação. Estas crianças, pela forte situação vivida, são propensas a adquirir problemas psicológicos pela violência presenciada e por não conseguir agir diante dela.
 - Expectadores ativos: Estão inseridos aqui, os alunos que, apesar de não participarem ativamente da violência proferida, divertem-se e alegram-se com as vítimas sofrendo ataque. Muitos comungam com as ideias e valores defendidos pelos agressores, possuindo semelhante maldade. Estes preferem “ficar de longe” observando as agressões acontecerem e se felicitar com ela.
- Expectadores neutros: Na última classificação dos expectadores estão inclusos os indivíduos que consideram o Bullying algo normal, devido, muitas vezes, a violência presenciada em seus lares ou comunidade.

Todas as classificações dos expectadores remetem às pessoas que se omitem diante do Bullying, que não se manifestam diante dele, mas estagnam. A omissão, como diz Silva (2010):

[...] também se configura em uma ação imoral e/ou criminosa, tal qual a omissão de socorro diante de uma vítima de um acidente de trânsito. A omissão só faz alimentar a impunidade e contribuir para o crescimento da violência por parte de quem a pratica, ajudando a fechar a ciranda perversa dos atos de Bullying (p. 46).

Compreendemos, assim, que o Bullying tanto é uma questão psicológica como uma questão social. Questão psicológica porque, muitas vezes, o indivíduo já possui um temperamento violento, que por sua vez, pode ser proveniente de um ambiente violento ou não. Alguns casos advêm de uma situação familiar. Lembremos que a construção e formação do ser humano é realizada numa sociedade com ideologias, normas, valores e que estes influenciam de forma significativa e intensa o indivíduo que nele se insere. Neste caso o social e o psicológico se completam, se unem e se influem, convergindo em esferas que compõem o ser humano.

O Bullying é uma problemática que precisa ser combatida num processo de utilização da educação como ferramenta transformadora da vida das pessoas. Se não acreditar e defender o valor do respeito ao outro e da aceitação deste da forma como ele se apresenta não se conseguirá buscar e concretizar a meta do respeito e da vivência com a diversidade. Um modelo único de Educação não cabe mais à nossa sociedade.

Diversidade de mundo tão presente em nossas vidas e que, em muitos momentos, ignoramos ou esquecemos que ela aqui está. É preciso considerar a diferença. Não é mais possível negar a sua existência, como foi feita em diversas épocas da história. Estamos sendo chamados a enxergar, observar e viver com ela. Nós somos uma parte do todo. Também compomos a diversidade de nossa sociedade, e por isso mesmo, fazemos parte dessa diferença, querendo ou não. A diversidade remete riqueza, multiplicidade, variedade. Todas devem ser respeitadas e percebidas como componentes de um total que se mistura e se completa num arsenal de vida.

1.2 – Os Direitos Humanos e a desconstrução do Bullying: refletindo sobre respeito entre alunos do fundamental I

Este subtópico trata sobre os direitos humanos, bem como a questão de primar por relações pautadas no respeito à singularidade e especificidade dos indivíduos, esclarecendo-nos de que a diversidade dos educandos se manifesta presente nas instituições escolares nas quais o educador terá de saber lidar, construindo uma educação baseada no estabelecimento do respeito e valorização das pluralidades.

Tratar sobre educação em Direitos Humanos envolve muito mais do que apenas o ensino formal, vai muito além disso. Extrapola o campo dos conteúdos estruturados no currículo escolar, tidos como ‘mais importantes’ para o aprendizado dos alunos e manifesta-se nos valores que são construídos individualmente, e em grupo, durante o processo contínuo de formação do caráter e da consciência do indivíduo, uma vez que sabemos que o ato de educar, além de construir saberes, forma consciências. Nas ideias de Oliveira (2008) é no processo de formação identitária que as subjetividades (aquilo que é próprio de cada indivíduo; está no seu EU; relacionado a sentimento) individuais ou coletivas irão construir-se.

Nos diferentes contextos históricos da organização humana, a questão dos direitos humanos passou a ser entendida de diversas formas, passando por inúmeras transformações. Possuiu diferentes concepções resultando em divergentes percepções. Aqui será esboçado brevemente a educação em direitos humanos do período da ditadura à atualidade (aos dias atuais).

Hoje, quando pensamos na questão do respeito, relacionamos, imediatamente, ao direito igualitário que todos os seres humanos possuem ou deveriam possuir de serem respeitados e aceitos como são. Deparamos-nos, perante exigências de Leis do campo ético, como a Constituição dos Direitos Humanos (1988), com uma maior difusão e espaços de discussões sobre a necessidade deste valor se fazer presente nas relações interpessoais assim como em diferentes espaços sociais como também no meio escolar. Porém, nem sempre isto foi pensado por este véis.

Em períodos anteriores à ditadura, não existia o mínimo interesse em tratar questões com relação aos direitos humanos, não se discutia nem dialogava sobre. De

acordo com Sader (2007), “O tema dos direitos humanos não estava incluído, como tal, na agenda de discursos e de debates antes do golpe militar de 1964.” (p.75). Nessa época, a palavra **direito** era compreendida como um assunto relacionado somente a questão ‘jurídica’.

Com o passar dos anos, e com todas estas mudanças ocorridas, baseada nas ideias expostas por Sader (2007), o Estado passou a encarar os direitos sociais como sendo de sua responsabilidade. Foi então que foram criados alguns setores como, por exemplo, o Ministério do trabalho, encarregado de assegurar determinados requisitos para o trabalhador em seu campo trabalhista. Surgiu também a adoção da Legislação do trabalho, entre outros programas. Os direitos estavam estritamente ligados a questões de trabalho, sempre envolvidos nesta perspectiva.

Foi, então, que os movimentos sociais ganhavam força, e foram estes os responsáveis pela maioria das conquistas as quais temos conhecimento hoje.

Junto a todo este novo perfil de gestão governamental, o golpe militar decretou repressão a todo tipo de movimento de reivindicação ou movimento que contestasse o que era estabelecido pelo governo militar. Houveram perseguições, prisões e até mesmo torturas a pessoas que fossem de contra o que era estabelecido e imposto rigidamente pelas autoridades ditatoriais, mesmo se essas imposições imunibilizassem, literalmente, os direitos dos indivíduos.

A ditadura militar foi um período na história brasileira de grande destaque quanto à ausência da liberdade de expressão, de expor ideias, de as pessoas serem livres para serem como eram, defenderem seus ideais, opiniões e terem seus direitos assegurados. Consideramos que a ditadura afetou de forma muito negativa os direitos das pessoas.

Observamos, a partir deste cenário, que não existia o mínimo interesse em atender a determinadas necessidades da população. Esta mesma ficou numa situação difícil, onde nem mesmo podia manifestar seus pensamentos e criticidade diante do que viam e viviam. Já a elite não se incomodava com tudo o que acontecia, nem foi tão afetada e, além disso, apoiava a ditadura e concordava em manter esta forma de governo, já que o sistema militar governamental prejudicava aqueles que estavam numa situação ‘inferior’

de vida. Aqueles que buscavam melhoras, que lutavam por seus direitos e que questionavam o que não era para ser desobedecido.

Ainda com toda a força que a ditadura possuiu por um longo tempo, ela não conseguiu manter-se firme por muitos anos e foi perdendo essa força aos poucos, assim como aconteceu com a economia da época. Esse processo de desgaste, agregado ao fortalecimento dos grupos de oposição, ajudou a dar início ao processo do surgimento do ‘regime democrático liberal’. (SADER 2007, p.79). Eram os direitos humanos ganhando uma nova conotação e com ele a discussão em torno das alteridades.

Mas as coisas não aconteciam como pareciam. Essa “democracia” não ocorreu de verdade, assim como não ocorre até hoje. Segundo Sader (2007), “não foi feita nenhuma reforma econômica ou social, que desse um caráter mais profundo à democratização” (p 79). Para ele, não ocorreu nenhum fato que comprovasse uma real democracia, em seu sentido verdadeiro, onde as pessoas teriam grande parte de seus direitos garantidos e assegurados.

Mesmo com estas dificuldades e empecilhos ainda existentes, não se pode deixar de considerar que as mudanças aconteciam e vinham crescendo de forma singular. Mesmo sem essa concretização mais ‘sólida’ dos direitos humanos, uma Assembleia Nacional Constituinte foi realizada e lançou-se a nova Constituição dos Direitos Humanos de 1988, onde foi reconhecido que a Constituição anterior não estava mais dando conta de promover a democracia como se estava necessitando no momento. Houveram algumas oposições a esta decisão, mas ela se fez. Muitos governantes eram contrários à nova Constituição, pois afirmavam que ela exigia que fossem atendidos determinados direitos dos indivíduos sociais que o governo não estava preparado para garantir.

Foi, então, que Fernando Collor de Melo foi eleito na primeira eleição direta, ou seja, onde o povo votava e elegia o candidato, e implantou, em seu mandato, o perfil neoliberal de governar. Nesta linha de sistema, o Estado tem a parcela mínima de responsabilidade e intervenção nos setores públicos, conseqüentemente menos preocupação com a sociedade. O neoliberalismo é o que predomina atualmente em nossa sociedade e no sistema político. Ele provoca, entre outros fatores, a competição, instiga a

privatização das empresas públicas, fazendo com que determinados direitos sejam lesados.

O capitalismo e neoliberalismo marcam o período atual de nossa história. Cada vez mais estes modelos de mercado ganham espaço. Hoje, o que mais importa é o indivíduo estar inserido no modo de vida que estes sistemas traçam. Não existem limites para isso acontecer.

Não podemos desassociar o aspecto social dos problemas individuais que existem, uma vez que o indivíduo sofre reflexo daquilo que existe na sociedade. Na esfera dos meios de comunicação, a mídia, como por exemplo, televisão, rádio, exploram casos de crimes ou de violência numa perspectiva de resolução por meio da vingança. Ou seja, a mídia impulsiona e incentiva a resolver situações criminosas com punição e violência, como se a resolução do problema fosse conquistada com a própria causa dele – a violência.

Existe, em muitas esferas sociais, uma má interpretação sobre os direitos humanos. Por vezes, ele é compreendido de forma inadequada e equivocada. Com esta atitude, as notícias fomentam mais violência ainda. Gera-se, então, um ciclo agressivo interminável. Além disso, ao fazer isto, os meios de comunicação não lançam mão de propostas baseadas na educação moral e ética para a busca por sanar estas devidas situações, propostas estas que segundo Sader (2007) são as mais apropriadas, uma vez que partem da reflexão e análise. É preciso compreender que violência gera violência, e assim, os direitos humanos são ‘esquecidos’, e as atitudes impensadas ganham espaço e admiração da maioria das pessoas. Fica ainda mais difícil dialogar sobre o mesmo. Assim,

[...] os argumentos destes apelam para visões racionais e solidárias, que têm-se revelado capazes de atingir um público mais restrito, acostumado a um tipo de argumento que não tem conseguido obter eficácia em setores mais amplos da população” (SADER, 2007, p.82).

No campo das instituições educacionais, percebemos uma maior disseminação de temas relacionados ao direito humano. Como afirma Sader (2007) “As escolas passaram a incorporar o tema, seja em disciplinas especializadas, mas principalmente nas abordagens mais gerais sobre democracia, liberdade, cidadania, diversidade, identidade” (p. 81). Mas, mesmo assim, determinados assuntos não são, na maior parte das vezes,

discutidos ou mesmo colocados como tema central de diálogos nos diversos espaços, principalmente os educacionais, pelo fato de ainda haver uma resistência no tratamento de questões que lidam com ideias formadas de cada um.

Observamos, nas escolas de nosso país, uma negligência quanto ao enfrentamento da violência, uma ausência de coragem em combater as injustiças, uma falta de interesse em tratar sobre os direitos humanos. Na verdade existe um bloqueio que parte de um grande número de pessoas. Pais, professores e os próprios (as) alunos (as).

Trabalhar a questão dos direitos humanos no processo de ensino e aprendizagem se torna complicado pelo fato de envolver muitos valores, crenças e tradições por parte dos que educam e dos que aprendem. O professor, como qualquer outra pessoa, também possui sua compreensão de mundo, sua interpretação da vida advinda de sua formação escolar, familiar e social. Querendo ou não, toda essa sua bagagem construída influencia o seu modo de ensinar, positivamente ou negativamente. Se não existir um cuidado com aquilo que se fala e se promulga em sala de aula, pode resultar em uma situação de má compreensão, ou mesmo um conceito equivocado ou negativo sobre aquilo que se está falando, criando, dessa forma, um ambiente altamente prepotente e limitado quanto à consciência aberta e ampla.

Muitas são as resultâncias. Nesta perspectiva, Oliveira (2008) esclarece-nos que, diante de tais situações é impossível impedir ou controlar a (s) consequência (s) do processo pedagógico educacional desenvolvido, uma vez que se estabelece o modo de ensino, de contato e de relação entre os sujeitos. É perante isto, que o autor indica uma atitude, que para ele é extremamente necessária: “A prudência” (p. 112). Esta permite, mesmo sem o controle dos resultados, precaver-se de uma possível ocorrência negativa.

Percebemos, assim, que é preciso todo um cuidado ao relacionar-se com o outro. No caso dos educadores esse cuidado se torna ainda mais indispensável. A partir do momento em que sabemos que uma possibilidade negativa possa acontecer, imediatamente tomamos cautela, e é esta mesma que fará com que o profissional reflita bastante e analise antes de agir, sempre pensando em como o outro (educando) irá compreender aquilo que será exposto.

Perante isso, Santos junto à Ricoeur (1969) apud Oliveira (2008), utilizaram um termo chamado de “hermenêutica da suspeição”, que nos instrui a prática de considerar que “[...] as consequências negativas duvidosas, mas possíveis, devem ser tidas como certas” (p. 112). É essa possibilidade da consequência negativa pensada e considerada que nos ajudará a ter cuidado com o que falamos e fazemos. Isto nos esclarece que é preciso ter prudência e cautela no que realizamos para evitarmos resultados negativos.

No momento atual de nossa sociedade, diante de tantas transformações e formas diversificadas de concepções que a educação vem adotando, o processo pedagógico está, cada vez mais, sofrendo mudanças e tendo de encarar grandes e novos desafios.

Primeiramente, o processo educacional vem se deparando com uma questão antiga, mas ao mesmo tempo recente quanto a sua discussão e problematização. Esta temática existente na realidade humana é o Bullying. Presente nas relações interpessoais dos indivíduos, a violência, expressa de diferentes formas, mostra-se, em uma delas, na condição de violência escolar. Esta, inserida em quase todos os âmbitos sociais, assim como no escolar, manifesta-se por meio do desequilíbrio e da ausência de um valor primordial na formação de personalidades, construídas nas relações sociais, e essencial para a vida em grupo. Este princípio é chamado democracia. Querendo ou não, durante o processo de ensino e aprendizagem do ensino formal, em meio às relações ali estabelecidas, a construção dos valores se dá simultaneamente. Ocorre então, o ensino e aprendizado do conhecimento formal e não formal.

É perante esta estrutura social atual embaraçada pela presença expressiva de novas facetas de violência, que o processo educacional ou pedagógico incorpora novos objetivos antes não pensados nem abrangidos. Um deles, tão importante quanto os demais, é indispensável para que se construam “relações sociais mais igualitárias”, (SANTOS 1995 apud OLIVEIRA 2008, p. 101) a partir de uma educação pautada na formação de subjetividades democráticas, sejam elas individuais e coletivas.

Para desenvolver uma educação que objetiva construir subjetividades e sociedade com caráter democrático, segundo Santos (1995) apud Oliveira (2008), precisa-se promulgar um projeto de “educação pela emancipação”. Nas palavras desse autor,

O projeto educativo emancipatório é um projeto de aprendizagem de conhecimentos conflitantes com o objetivo de, através dele, produzir

imagens radicais e desestabilizadoras dos conflitos sociais em que se traduziram no passado, imagens capazes de potencializar a indignação e a rebeldia. Educação, pois, para o inconformismo” (p. 102).

Esse projeto trabalha com imagens radicais e desestabilizadoras de momentos vividos em épocas passadas como forma de conduzir a formação de subjetividades inconformistas. É a partir deste projeto educacional que se pode produzir inconformidade perante situações de dominação do passado. Este método irá ‘mexer’ com as emoções, e é com isso que se produzirá o descontentamento perante acontecimentos ocorridos anteriormente que se repetem. Santos (1995) apud Oliveira (2008) diz que:

O conflito serve, antes de mais, para vulnerabilizar e desestabilizar os modelos epistemológicos dominantes e para olhar o passado através do sofrimento humano (...). Esse olhar produzirá imagens desestabilizadoras susceptíveis de desenvolver nos estudantes e nos professores a capacidade de espanto e de indignação e a vontade de rebeldia e de inconformismo (p. 104).

No momento presente, não se pode mais concordar com determinadas ideias que antes eram consideradas ‘normais’ e até ‘coerentes’, mas que na verdade eram banais. Não se pode permitir que situações alarmantes voltem a acontecer. É preciso promulgar uma educação que combata perspectivas de desigualdades e desrespeito. A violência é um exemplo de problemática social bastante presente nos âmbitos sociais da atualidade que necessita atenção, principalmente quando esta se faz inserida no espaço profissional do educador. Este último, assim como sua proposta pedagógica, devem estar preparados para lidar com esta questão, contribuindo no processo individual e coletivo da construção de consciências mais humanas, ao mesmo tempo em que constrói, junto aos educandos, saberes baseados em perspectivas democráticas e multicultural.

Ainda hoje, percebemos a resistência ao diálogo e ao contato com a ‘diferença’. Esta última ainda é considerada ‘estranha’ e incomum. O diferente, por vezes, não causa admiração, no melhor de seu sentido, mas sim distanciamento e segregação. O currículo escolar homogêneo existente em nosso sistema educacional ocidental já há muito tempo, inclusive nos dias de hoje, está sendo, aos poucos, substituído por um perfil de perspectiva heterogênea. Porém esta proposta, em muitas ocasiões, não encontra facilidade em se firmar, por causa de um extenso período de existência e predominância de uma educação do modelo dominante. Com isso, as diferenças são vistas por uma

grande maioria de pessoas, como sinônimo de ‘melhores e piores’. Oliveira (2008), baseada nas ideias de Santos (1995) explica que:

(...) desde a revolução industrial, a relação entre a ciência e a produção de bens e serviços vem se estreitando, levando à conversão dos problemas sociais e políticos em problemas técnicos, solucionáveis, portanto, cientificamente, isto é *eficazmente com total neutralidade social e política*. Configurando o que Boaventura chama de *aplicação técnica da ciência* (...) (p. 105).

A educação, se bem compreendida e utilizada, tem o poder de desconstruir estas perspectivas presentes em nossas subjetividades e consciências há muito tempo. Quando não se trabalha com uma educação que valoriza a diversidade, os educandos podem construir convicções equivocadas, e assim a educação deixará de cumprir com uma de suas mais importantes e fundamentais funções, a de estabelecer, concretamente e conscientemente, o sentido de que todos, definitivamente, somos únicos, nunca no sentido de que somos todos da mesma forma, mas sim de que cada qual possui sua particularidade e singularidade, e que isso não é motivo de exclusão, menosprezo ou inferioridade/superioridade.

É por isso que Santos (1995), através de estudos de Oliveira (2008), traz uma alternativa a esse modelo de educação. É sugerida uma proposta de *“aplicação edificante da ciência”* (p. 105). Esta alternativa propõe um desenvolvimento de ensino crítico, embasado na instauração do conflito entre esse e o modelo anterior, como forma de conduzir os educandos a uma reflexão sobre o que ambos produzem no campo da educação, assim como a influência que causam na formação dos indivíduos que ali estão. O modelo de ensino dominante permanece e permaneceu “ocultando o caráter social e político dos problemas que criou ou que não soube resolver” (OLIVEIRA, 2008, p. 105). Acrescento ainda, que não teve e ainda não tem interesse em buscar resolver determinados problemas, mas sim camuflá-los. Os dois modelos de educação aqui colocados são totalmente opostos.

Santos (1995), então, reconhece que existem riscos ao promulgar o modelo de educação ligado a *“aplicação edificante da ciência”* (p. 108). Segundo ele, junto a análises de Oliveira (2008), mesmo sendo uma proposta posta em prática junto à reflexão e à ciência, algum (ns) grupo (s) podem ao invés de incontestamento, promover violência

e desentendimento, “(...) o silenciamento em vez da comunicação e o estranhamento em vez da solidariedade” (OLIVEIRA, 2008, p. 108). Não existe, pois, um controle das consequências. Mesmo assim, é preciso investir em desenvolver a capacidade que a educação pela “*aplicação edificante da ciência*” (p. 108) propõe, mesmo que seja por meio da imaginação das consequências, das experiências passadas, que não devem mais, de maneira alguma, serem aceitas.

Algumas próprias leis, como a Constituição dos Direitos Humanos de 1988, não admitem nem permitem que determinadas ocorrências voltem a acontecer, e asseguram direitos aos seres humanos que em outras épocas não existiam. Dentre eles o direito a igualdade de todos os indivíduos, e a proposta de as pessoas serem aceitas como são sem sofrerem discriminação ou serem ‘diminuídos’ por suas particularidades específicas e diferentes. Na Declaração Universal dos Direitos Humanos, de 1948 em seu artigo II, explica que todos os sujeitos possuem direitos e liberdades garantida nesta declaração independente de sua raça, cor, sexo, língua, política, origem social, e outras questões.

Apesar de a luta pela promoção deste perfil de educação encontrar grandes desafios e dificuldades para se fincar, é indispensável para a promulgação de uma educação que promova a construção de cidadãos mais críticos de suas próprias condutas e das condutas alheias, mais conscientes de suas ações, compreendendo o poder que a mesma possui diante da sociedade e diante da vida dos outros que se encontram à volta. O quanto as atitudes individuais repercutem no social em geral. Mesmo que seja uma proposta educativa de busca precária, que encontra potencializadas resistências por ser “uma luta sem pressupostos nem seguranças. Uma luta por um fim sem fim”. (SANTOS (1995) apud OLIVEIRA 2008, p. 108).

Diante do discutido, podemos afirmar com precisão que é por meio da educação alicerçada a “*aplicação edificante da ciência*” (SANTOS 1995, p. 108) que conseguiremos levar até os educandos valores mais humanos na medida em que desconstruirmos ideias estabelecidas e construídas pela educação do “*modelo de aplicação técnica da ciência*” (SANTOS 1995, p. 105), onde os educandos são conduzidos a aprendizados que dão força aos desequilíbrios de poder, e que repercutem nas relações entre eles. É nesse momento que esta educação influi no surgimento de

relações desestruturadas entre os educandos, no instante em que um deles acredita ser superior ou ter algum poder que lhe permita denegrir o outro ou mesmo humilhá-lo e maltratá-lo. Este fenômeno social é o Bullying.

Dentro desta perspectiva de educação, o Bullying se fortalece sempre mais, pois, baseados em Santos (1995) apud Oliveira (2008), afirmamos que neste modelo de educação os conflitos são camuflados e escamoteados. E se o Bullying não for encarado e trabalhado seriamente, trazido ao diálogo como propõe o “*modelo edificante da ciência*”, (SANTOS 1995, p. 108) dificilmente será sanado.

É preciso trabalhar perspectivas e valores educativos que expressem e construam saberes com conceitos de igualdade e da não violência, para que situações de violência as mais diversas vão sendo desmanchadas e substituídas por discussões e diálogos sobre o universo das diferenças, levantando as importâncias e riquezas de cada uma delas.

2 O POTENCIAL EDUCATIVO DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS NOS ANOS INICIAIS.

2.1 As histórias em quadrinhos e sua dimensão educacional

Este capítulo discute a potencialidade que as histórias em quadrinhos possuem se utilizadas como recurso pedagógico no sentido de auxiliar o processo de aprendizagem em geral, bem como no aprendizado de valores democráticos e de direitos humanos.

A história registra que nossos antepassados na pré-história utilizavam desenhos de figuras através da arte rupestre que, segundo Mendonça (2002), era considerado por algumas pessoas como um aspecto que denotava as primeiras formas de histórias em quadrinhos. São as pinturas rupestres, que em sua maioria representava atividades de um determinado povo por meio da apresentação de desenhos sequenciados.

Porém, apesar dos rudimentos das HQs – (histórias em quadrinhos), terem sua origem nos desenhos rupestres, Ianonne e Ianonne (1994) apud Mendonça (2002), afirmam que esse gênero da forma como conhecemos surgiu na Europa, no século XIX, a partir das histórias de Busch e Topffer. Já Calazans (2004), diz que a história em quadrinho surgiu acerca de cem anos atrás. Período em que se verifica a presença dos primeiros quadrinhos em público.

As histórias em quadrinhos possuem características peculiares que as definem. Uma delas é a estrutura em forma verbal ou não verbal. Isso quer dizer que, as ilustrações das HQs podem vir acompanhadas de fala ou não, podendo, em alguns casos, serem as imagens as únicas formadoras da história da HQ específica. Este gênero se destaca ainda pela sequenciação das ‘unidades mínimas’ das mesmas, que são cada um dos quadrados que formam o todo. Cada quadro ou quadrinho único se junta e forma a HQ, com uma história que se segue, que possui uma continuidade – início, meio e fim.

Os lugares onde circulam as HQs variaram muito durante as diversas épocas da história. De acordo com Calazans (2004), no Brasil, elas surgiram no dia 30 de janeiro de 1879, com a “primeira publicação do personagem Nhô Quim, de Ângelo Agostini, na revista Vida Fluminense.” (p. 18). Inicialmente as HQs tiveram seu aparecimento nos jornais, e somente depois ganharam o espaço próprio, através dos conhecidos gibis.

Uma das inúmeras definições apresentadas com relação a HQ é explicada por Cirne (2000) apud Mendonça (2002), onde ele diz “Quadrinhos são uma narrativa gráfico-visual, impulsionada por sucessivos cortes, cortes estes que agenciam imagens rabiscadas, desenhadas e/ou pintadas”. (p. 195). As HQs pertencem, então, ao gênero textual narrativo.

As HQs trazem, em suas diversas coletâneas, diferentes personagens que compõem o gênero, e que traduzem e interpretam toda a história/trama criada e direcionada para leitores específicos e previamente definidos, sendo a história adequada e adaptada ao público alvo que podem ser desde crianças, jovens ou até mesmo adultos.

Existente em diversos países, as HQs ainda encontram, nos dias de hoje, apesar de em menor grau que épocas pretéritas, uma resistência no que tange a sua inserção como gênero textual na metodologia do ensino infantil e fundamental, assim como na utilização deste recurso na ação pedagógica. A grande maioria de professores consideram a história em quadrinho um objeto de leitura simples e singela, por isso a prevalência da não valorização da mesma quanto a elemento pedagógico. “Essa relativa facilidade pode ser confundida com baixa qualidade textual, levando à falsa premissa de que ler quadrinhos é muito fácil” (MENDONÇA, 2002, p. 202).

Muitos educadores e instituições escolares sentem-se inseguros no momento de usar, de forma apropriada e adequada, a história em quadrinho como ‘ferramenta’ que propicie um melhor aprendizado. O que muitos deles não sabem ou não querem compreender é que a HQ é um ‘instrumento’ de grande diferenciação da metodologia pedagógica do educador. Ela propicia, além de garantir uma excelente receptividade por parte das crianças e jovens, um aprendizado mais ‘dinâmico’ e atraente, uma vez que as

HQs se tornam, cada vez mais, um elemento bastante presente no cotidiano da leitura das crianças e jovens.

Diversos autores comprovam isto através de estudos realizados com o intuito de analisar a forma como a HQ interfere no aprendizado das crianças e jovens, e mesmo com toda a resistência que as histórias em quadrinhos enfrentam no campo da educação, estes autores admitem o valor didático-pedagógico das mesmas. “É fato incontestável que jovens leitores [...] deleitam-se com as tramas narrativas de personagens diversos, heróis ou anti-heróis, montadas através do recurso da quadrinização”. (MENDONÇA, 2002, p. 194).

Assim, como as histórias em quadrinhos propiciam o interesse dos alunos pela leitura, por se tornar mais divertida, ela também é de grande auxílio quanto ao aprendizado dos conteúdos não formais, que se inserem no processo de construção da consciência, da formação da cidadania e na elaboração dos valores, aspecto que constituirá a personalidade e caráter do ser humano, que se encontra constantemente em construção e elaboração.

Na verdade, determinadas HQs demandam estratégias de leitura sofisticadas, além de um alto grau de conhecimento prévio [...] as HQs podem ter uma função didática, sendo utilizadas para dar instruções ou para persuadir, em campanhas educativas (MENDONÇA, 2002, p. 202).

É claro que, assim como qualquer outro instrumento utilizado para o desenvolvimento do processo educativo, a HQ precisa ser bem utilizada em sala de aula. Todos os recursos usados para o processo do educar farão a diferença de acordo com o direcionamento que o ‘manipulador’, que no caso aqui é o educador, fará a partir dele e com ele. Não é diferente com as HQs. Como nos diz Calazans (2004) “Os limites do emprego da HQ em sala de aula são os limites da criatividade de cada professor” (p. 17). Também tratada nas palavras de Sonia Luyten apud Rittes (2006) “são muitos os usos que tanto pais e pedagogos podem fazer das histórias em quadrinhos” (p. 27).

É partindo desta perspectiva que acreditamos ser útil o uso das HQs para dialogar sobre a questão da problemática social Bullying. Diversos temas e conteúdos podem ser tratados a partir do uso das HQs como meio para análise.

Portanto, a HQ possui potências significativas. Uma destas está ligada a estreita relação com que este gênero possui com o visual, o desenho. Por esse fato, a HQ diferencia-se quanto à forma de atingir o público ao qual se destina. Por utilizar um dos recursos que lhes são próprios, que é a imagem, as HQs possuem um significativo diferencial que se converte num certo ‘poder de capacidade’. De acordo com Rittes, (2006) “não se pode desprezar a importância de sensibilizar o aluno para a cultura visual” (p. 34).

Compreendemos que é a partir do contato visual, que representa as mais diversas situações, que se pode auxiliar o indivíduo em seu processo de sensibilização. É o que também nos diz Santos (1995) apud Oliveira (2008) quando se remete ao ‘projeto de educação pela emancipação’ (p.102), trabalho este que parte das imagens desestabilizadoras. Observamos que, por esse motivo, as HQs são primordiais para o desenvolvimento desta educação, uma vez que conduzem os indivíduos a refletirem a partir do conteúdo expresso em seu interior, seja pela fala ou, na maioria das vezes, pelas imagens.

Outro motivo que favorece o uso da HQ em sala de aula como ferramenta pedagógica, é o fato de esta mesma ser um dos veículos de informação mais bem aceitos e acolhidos pela maioria das pessoas. Ela se torna, dessa maneira, não só um objeto de relevante riqueza de sentidos e aprendizados, mas também uma divertida fonte, onde se pode ‘mergulhar’ e explorar, por exemplo, alguns temas transversais, como a ética, a diversidade cultural, entre outros, temas estes predominantes tanto nos discursos atuais como na vida de todos nós indivíduos.

A escola, assim como todas as esferas sociais, precisa encarar o momento social no qual nos situamos. Em meio a uma carga vigorosa de tecnologias avançadas, estamos todos inseridos nestes novos espaços de comunicação, composto de meios tecnológicos

de aprendizagens totalmente ‘modernos’. A escola não pode desconsiderar a existência de uma nova era social. Nas palavras de Rittes (2006) “A escola não pode temer e nem ignorar esse novo ambiente social, antes, tem que conviver com ele e, portanto, com a nova cultura e suas novas linguagens reproduzidas incansavelmente pela mídia” (p. 35). Esse modo de viver considerado por muitos com ‘rápido’, ‘veloz’, interfere no modo como a escola funciona.

A escola, por fazer parte do ‘universo’ da sociedade, por ser uma das instâncias que a compõe, abarca as necessidades específicas que esta mesma demanda no momento. Não pode, dessa forma, fugir daquilo que acontece nos outros espaços sociais, como por exemplo o familiar, que veem a interferir, de certa forma, nas práticas que desenvolvidas no interior da escola. A escola mantém uma relação intrínseca com a sociedade e conseqüentemente desenvolve relações com esta. Como nos diz Rittes (2006) “A escola, por sua vez, procura incluir no projeto pedagógico temas que vêm sendo discutidos pela sociedade [...] Quem determina como a escola evolui nas suas práticas e currículos é a sociedade e as políticas educacionais” (p. 15).

Um destes temas bastante discutidos nos dias de hoje e também fortemente expressado nas diversas instâncias da sociedade, como nas escolas e nos âmbitos sociais em geral, é o fenômeno da violência. Um problema real e vigoroso que ultrapassa a construção do respeito e da tolerância e atinge os campos sociais, manifestando-se de forma resistente nas instituições escolares.

Todas estas questões atuais podem ser trabalhadas relacionadas às práticas educativas que utilizem os diversos materiais pedagógicos atuais existentes. Há um campo extenso e vasto de possibilidades de instrumentos que podem auxiliar o educador em seu processo de educar. Nos dias de hoje essas viabilidades se ampliam ainda mais, pelo fato de vivenciarmos e nos situarmos no momento auge da tecnologia. Estamos no interior do mundo das comunicações.

“Não se pode desprezar o fato de que se pode aprender com a mídia e com outras esferas do espaço escolar”. Mesmo sabendo que a mídia por si só não é, muitas vezes,

educativa. Na TV, por exemplo, existem diversos programas que instigam o consumismo, mesmo em crianças, levando-as a introduzirem-se, cada vez mais no mundo dos adultos e no mundo do capitalismo fervescente. Baseado nas ideias de Sampaio (2000), Rittes, (2006) dialoga que:

[...] a relação das crianças e jovens brasileiros com a TV ocupa lugar de destaque na sociedade. [...] esse público é tanto alvo quanto participante da TV, mas que sua presença – dos dois lados tela – está indissolúvelmente ligada à comercialização de produtos, o que é ruim sob todos os aspectos[...] (p. 24-25).

Além disso, a TV é um instrumento dos mais usados pela população em geral. As crianças, ainda pequenas, já vão ‘adentrando’ no âmbito deste recurso em muitos casos pela própria concessão dos pais e em outros pela própria ‘necessidade’ que a sociedade mostra em usufruir este meio de informação no mundo de hoje.

O que se precisa considerar com relação à TV é que ela se converte num recurso ‘carregado’ de valores os mais diversos, sendo um deles predominante, o valor advindo do sistema econômico vigente em nosso país e na maioria de outros países, o capitalismo. Sistema esse que possui um ‘poder’ de controle e alienação, capaz de influenciar o comportamento das pessoas incluídas em seu espaço atingido, bem como as atividades desenvolvem por elas.

Alguns desenhos incentivam a violência e a vingança, inserindo bem cedo a mente das crianças no ‘universo’ da competição. Mas se, alguns dos elementos ali presentes, como a própria competição ou disputa, forem analisados pelo viés da criticidade, pode-se expor a possibilidade de resistência a esse modo de vida tão intenso dos dias de hoje. Pode-se conduzir os indivíduos a pensarem e repensarem estas formas de relação interpessoais e sociais, de forma a indagarem-se se estas questões refletem um sentido negativo ou positivo. A escola, então, está situada num campo composto por todas estas recentes e inovadas formas de estruturação.

Com todo esse avanço tecnológico, as HQs foram se tornando um pouco ‘ultrapassadas’ em relação a outros meios da comunicação. Mesmo assim, segundo

Rittes, (2006) elas não deixaram de ganhar o apelo das pessoas não perderam sua dinamicidade e popularidade principalmente entre as crianças. A HQ, assim como outra esfera tecnológica, possui sua singularidade e particularidade. Além disso, possui a uma forma única de tratar sobre questões reais que precisam ser levadas à sala de aula para um desenvolvimento de reflexão. Este é um dos fatores que diferenciam a HQ da TV, fator esse primordial para uma proposta de promoção educativa.

A televisão é um espaço de transmissão de informações e comunicação, que trabalha basicamente a recepção por parte do telespectador da notícia emitida, que se não for utilizada com um propósito pedagógico e educativo, não contribui para uma boa aprendizagem da criança. Nas palavras de Rittes, (2006) “O maior problema da exposição excessiva das crianças à TV, no entanto, parece ser o fato de que as imagens prontas do veículo não permitem o exercício da imaginação” (p. 25). Esta mesma, por si só, não dá capacidade de refletir. Não leva os indivíduos a ‘pararem’ e raciocinarem questionando sobre o que está ali perpassado e de que forma este conteúdo está sendo perpassado.

Esta passa a ser uma das funções do educador, promulgar uma análise do que ali está sendo representado, para que haja o trabalho da educação reflexiva, que tem sua base na criticidade e análise dos fatos. O prejudicial é que, algumas crianças assimilam e aprendem valores transmitidos por este meio de comunicação e consideram como naturais. A TV precisa ser muito bem conduzida para desenvolver uma real proposta educativa.

Mas também é preciso considerar que alguns conteúdos/programas da TV são bem-intencionados. Semelhante a esta, a HQ é capaz de, se bem utilizada, conduzir a avaliação e estudo daquilo que está presente em nossas vidas de forma camuflada, muitas vezes imperceptível. Diversos temas podem ser explorados nas HQs. É preciso, dessa maneira, mediar com eles. A HQ é uma fonte rica de sentidos, estes dos mais plurais. As HQs da turma da Mônica, por exemplo, aborda a problemática social do bullying representada na relação entre Cebolinha e Mônica. Pode-se utilizar estas histórias em quadrinhos para propor um reflexão, junto as crianças, a cerca do dano que o bullying promove na vida dos indivíduos.

A educação atual encontra, então, o desafio austero de lidar com as atuais formas de interrelações presentes na vida social em geral, bem como no que se refere aos instrumentos de mediação das aprendizagens ‘modernos’. A escola se situa no chamado campo de conflito que, pelo fato de ter de encarar as incoerências existentes em nosso âmbito social ‘enxerga’ que educar crianças num mundo desajustado e instável é uma tarefa difícil, parecendo-se uma tarefa impossível.

A escola precisa utilizar as mais diversas fontes e materiais para desenvolver um processo educativo atraente, uma vez que o ambiente fora dela está carregado deles e oferece informações muitas vezes sem uma orientação ou uma condução bem direcionada. Um destes materiais, como já foi falado anteriormente, é a HQ, que pode ser manipulada para uma perspectiva de análise em grupo do que ali é representado, representação esta feita através de desenhos que por sua vez são aspectos bastante atrativos para as crianças de um modo geral. Dessa forma, o educador não encontrará resistência quanto à recepção por parte dos educandos das histórias em quadrinhos como elemento para estudo em sala de aula.

O desafio da educação é, então, desenvolver a criticidade dos educandos, conduzindo-os a abstração dos sentidos, desmanchando a alienação que é posta na mente dos indivíduos que distorcem específicos acontecimentos e condutas realizados. Como salienta Rittes (2006), “O desafio, então, é educar criticamente e com base nos valores perdidos [...]” (p. 20).

Portanto, os quadrinhos são elementos educativos, uma vez que tratam sobre assuntos presentes na vida e nas relações em sociedade através de representações destas relações por meio do desenho e partem destas abordagens do cotidiano e dialogam com o leitor, salientando a importância de se discutir questões como a violência, mostrada por meio da prática do Bullying, problemática existente, por exemplo, nos quadrinhos da turma da Mônica, mais especificamente na relação da personagem Cebolinha com Mônica, nos momentos em que ele exerce a violência verbal ao apelida-la, fazendo com que ela se irrite e revidе com mais violência, só que desta vez com violência física.

Proporcionando às crianças o contato visual por meio das HQs daquilo que muitas vezes passa despercebido diante de seus olhos no dia-a-dia, permitirá que cada um dos educandos faça uma análise e reflexão a cerca do comportamento individual (de cada um deles) e alheio (do grupo em geral), observando questões e atitudes saudáveis que devem ser saudadas e estimuladas e outras nem tão saudáveis, como a violência, que precisam ser analisadas quanto ao dano que causam a vida daqueles que são atingidos por ela, para assim serem o mais rápido possível combatidas e mudadas.

Em muitas situações, crianças não dão conta de que determinadas práticas são atos de violência. Muitas vezes associa - se a violência somente à lesão física. É então, que as discussões colocadas sobre a relação entre Cebolinha e Mônica mostram às crianças leitoras que os xingamentos verbais também violentam o indivíduo, também atingem de forma negativa aquele que sofre as zombarias. Em outros casos não se consegue compreender a gravidade que possuem determinados atos que são considerados meras brincadeiras de diversão. É aí que as HQs proporcionam essa mediação de reflexão de questões importantes que precisam ser 'vistas' com mais importância e seriedade.

Considerando esta contribuição, entendemos que as HQs podem ser inseridas no âmbito escolar, enriquecendo o trabalho pedagógico e educacional. Além de serem direcionadas para o público infantil, as HQs dão um significativo estímulo às crianças para o aprendizado múltiplo. Utilizam de elementos do 'mundo infantil' como as ilustrações, e fazem as crianças 'entrarem' no mundo da imaginação ao mesmo tempo em que discute sobre temáticas sérias de forma dinâmica e divertida, não deixando que a essência dos temas se perca.

2.2 – As histórias em quadrinhos da Mônica e as maneiras de ensinar sobre os direitos humanos.

Este subtópico aborda sobre as histórias em quadrinhos da turma da Mônica, cujo enfoque é dado à problemática Bullying, bem como a potência que estas possuem quando inseridas no processo pedagógico de ensino e aprendizagem de conteúdos e temas não

formais, mais conhecidos atualmente como temas transversais, tão necessários a nossa formação enquanto cidadãos e sujeitos quanto os conteúdos formais.

Criada a mais de quarenta anos, de acordo com Vergueiro (2009), pelo desenhista Maurício de Souza, os quadrinhos da turma da Mônica surgiram destinados ao público infantil especificamente. A turma é composta pelas personagens Mônica, Cebolinha, Magali e Cascão. Crianças e amigos, eles vivenciam aventuras e situações do cotidiano bastante comuns na vida real de várias crianças. A turma enfrenta as mais diversas circunstâncias em grupo, e se veem diante de ocasiões ocorrentes no dia-a-dia de várias crianças que também vivenciam ou já vivenciaram semelhantes condições.

A turma da Mônica, de origem Brasileira, surgiu e foi ganhando apreço de crianças, jovens e até dos adultos, pelo fato de saber tratar muito bem diferentes temáticas de forma divertida e ao mesmo tempo mantendo um sentido de respeito (e seriedade) pelo tema abordado. Quanto mais o tempo passou, maior se tornou a popularidade destes quadrinhos. Hoje, apesar de já bem acolhida e bem aceita pela maioria das pessoas como elemento de lazer, ainda encontramos algumas resistências quanto à inserção das HQs como elemento pedagógico nas salas de aula, bem como a aceitação de alguns pais, educadores e instituições. O que muitos desconhecem é que as HQs, se bem utilizadas, culminam num processo de grande potencia educativa.

As histórias em quadrinhos, que em épocas passadas eram bem mais acessadas como veículo para leitura, hoje se tornam pouco solicitadas. Sabemos que estas perderam um pouco de espaço para os meios de comunicação e leitura mais populares nos dias atuais: a internet, games, jogos e leituras virtuais entre outros. Isto se converte em mais um entrave para a proposta de inserir, nas metodologias e propostas pedagógicas das escolas as HQs. Se as pessoas não apresentam boa receptividade quanto à utilização das histórias em quadrinhos em seus estudos e trabalhos, fica ainda mais complicado introduzi-las no campo das instituições escolares.

Apesar disso, as HQs não deixaram de ser um recurso de grande receptividade por parte das crianças e não perderam sua importância e significado singular para o processo de ensino e aprendizagem. Continuam apresentando valor, dialogando sobre temas e situações da vida infantil utilizando uma linguagem clara e compreensível. É um

elemento atrativo que permite ao educador fugir da rotina e proporcionar, às crianças, um aprendizado que parte de um recurso diferente e divertido.

Ao ler um quadrinho da turma da Mônica, a criança é conduzida a imaginar e refletir sobre o que a turminha vivencia em seus relacionamentos. No caso da relação entre Mônica e Cebolinha é mostrada a presença de uma problemática social bastante expressa em nossos dias atuais existente entre crianças e jovens. Este problema é o Bullying. Presente fortemente nas relações interpessoais dos indivíduos, principalmente entre crianças e adolescentes, o Bullying é uma forma de violência representada nas HQs da turma da Mônica.

A personagem Cebolinha discute com muita frequência com a personagem Mônica, porém essa implicância ultrapassa a dita normalidade da fase da criança quando ele a desrespeita, apelidando-a de dentuça e xingando-a de gorducha, por exemplo. Essa realidade representada nos quadrinhos permite que enxerguemos situações que existem à nossa volta. Maurício de Souza proporciona uma análise de problemas reais retratados em forma de desenhos, como forma de aproximar a criança a condutas existentes dentro de seu universo infantil.

Mônica se classifica, segundo Silva (2010), como a *vítima agressora* (p. 42), aquela que sofre Bullying e que reage com agressividade. Logo que Cebolinha a agredi com palavras ofensoras ela o agredi com a violência física.

Em sala de aula, durante o seu trabalho, o educador pode conduzir as crianças a observarem as imagens de violência, a refletirem sobre as ações ali presentes, no caso o Bullying, e conduzir os educandos a analisarem se estas relações são saudáveis, se todos os envolvidos acabam afetados negativamente ou positivamente, se os acontecimentos ali mostrados existem na realidade próxima a nós, entre outras questões.

Diante da contribuição pedagógica que o uso das histórias em quadrinhos alicerçado a análises proporciona ao trabalho pedagógico e educacional, saliento uma delas. Utilizando palavras de Vergueiro (2009):

[...] ao mesmo tempo em que representa um espaço preferencial de entretenimento para crianças e jovens, ela também passa mensagens que visam afetar seu comportamento, ajudando a moldar crianças e adolescentes para uma futura vida adulta (p. 160).

As HQs da turma da Mônica retratam relações e situações cotidianas de violência (bullying) que se configuram em uma problemática que pode ser abordada e analisada com vista ao objetivo de orientar as crianças de que nas historinhas da turma da Mônica está sendo representado algo negativo e danoso presente em nossa realidade diária. Esta ação pode ser realizada durante o trabalho do educador que buscará, através da representação do bullying nas HQs, intervir com os sentimentos e, por conseguinte, com o comportamento dos educandos, investindo em proporcioná-los renovadas formas de compreensão sobre o outro e valores reconfigurados na não violência ou discriminação, que favorecerão suas relações e convívio futuros.

Partindo para uma análise detalhada e aprofundada sobre a representação do bullying nas HQs da turma da Mônica, mais especificamente na relação entre Cebolinha e Mônica, observemos esta circunstância neste quadrinho:



s/as/p

Figura 1: Screenshot: Mônica Irritada

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>



s/a s/p

Figura 2: Screenshot: Mônica saturada

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>



s/a s/p

Figura 3:Screenshot: Mônica é apelidada**Fonte:**<http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>

s/a s/p

Figura 4:Screenshot: Mônica bate**Fonte:** <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>

Observamos, nos quadrinhos, a expressão da insatisfação de Mônica diante da forma como é tratada na relação com alguns amigos. Ela queixa-se por não mais suportar xingamentos. Logo percebemos a ocorrência da violência verbal, expressa por meio dos apelidos: ‘baixinha, gorducha e dentuça’, ditos pelos personagens que se caracterizam por serem os agressores.

Os xingamentos aqui identificados não podem ser considerados meras brincadeiras saudáveis, uma vez que a pessoa xingada e zombada, no caso a Mônica, manifesta seu descontentamento perante as ofensas recebidas, e diz não mais aguentar esta situação.

Identificamos, nesta relação, a presença do bullying, classificado na forma de violência psicológica, de acordo com a definição feita por Silva (2010, p.23), onde o agressor manifesta agressões verbais contra o(s) outro(s). Observamos Cebolinha, Cascão, e os outros personagens (meninos) presentes no quadrinho como sendo os agressores. Eles tomam atitudes de ofender e atingir negativamente Mônica utilizando termos que a denigrem.

Já a Mônica é nítido que se classifica como uma vítima de bullying, de acordo com as características levantadas por Silva (2010, p.37). Porém ela não é inserida no tipo de vítima comum. Uma vítima típica, ainda segundo os estudos e pesquisas desenvolvidos por Silva (2010, p.38) sobre bullying, apresenta uma notável e expressa fragilidade, além do medo de expressar-se em público ou em grupo. Por essa insegurança em se expor, além de outras tantas dificuldades, torna-se alvo fácil de zombadores e perseguidores. Diferentemente da vítima típica, a vítima agressora não permanece quieta, mas, em contrapartida, reage com agressividade e ‘devolve’ ao agressor a violência sofrida por ela.

É este o perfil que Mônica mostra. Ao ser ofendida com chacotas e apelidos, ela vai até os seus agressores e os surpreende com socos e pancadas, na maioria das vezes o Cebolinha, e deixa-os surrados. Ela usa da violência física como revide, como forma de mostrar que quer defender-se, e como forma de dizer que não tolera a situação a qual a fazem passar.



S/a S/p

Figura 5: Screenshot: Mônica desrespeitada
Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>

Este tipo de reação é uma das formas expressa por algumas vítimas de bullying que demonstram a inadmissão à violência sofrida. Um ponto bastante negativo com isso tudo é que a violência acaba se ampliando, tornando-se um ciclo de ida e vindas.



Figura 6: Screenshot: Pressão psicológica
Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>

Nesta tira, os agressores se portam como perseguidores, promovendo um tormento à vítima (Mônica) constante. Demonstram, ainda, uma opinião negativa em relação à forma física de Mônica. Percebemos que os xingamentos circulam em torno de conceitos inferiorizados a respeito das características que compõem a imagem de Mônica. Tornam-se termos pejorativos e depreciativos.

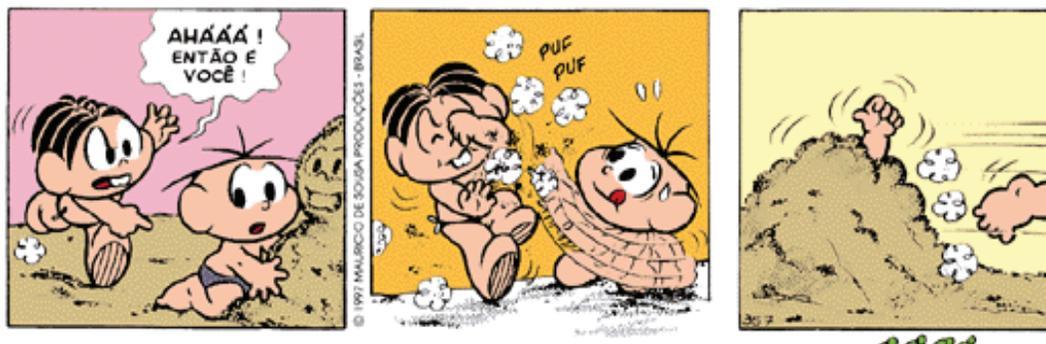
Os personagens desta tira, situados no universo da prática do Bullying, não demonstram uma maldade profunda, mas sim um apreço por manter uma relação de perseguição e constante xingamento que os levam a se divertirem com a raiva que Mônica demonstra pela situação de violência vivida.

Nesta próxima tira a questão da perspectiva pejorativa à imagem é novamente salientada.



S/a S/p

Figura 7: Screenshot: Aparência física denegrada
Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>

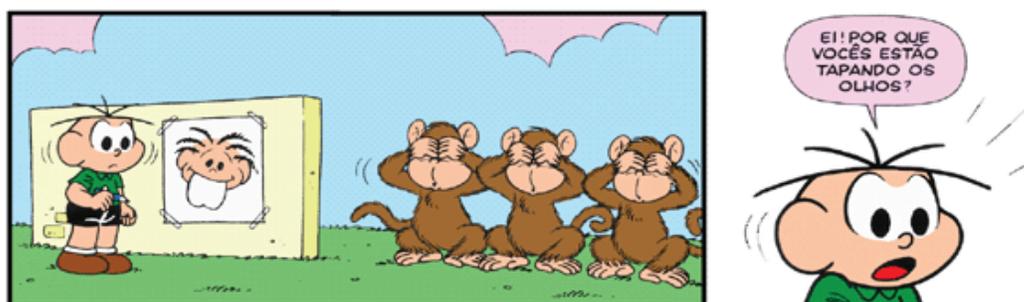


S/a S/p

Figura 8: Screenshot: Mônica é sacaneadaFonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>

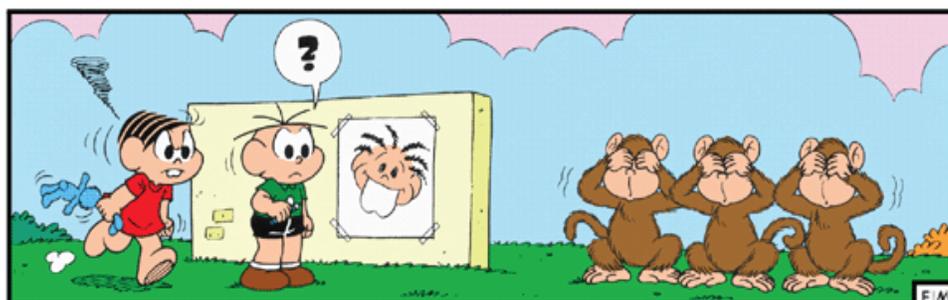
A referência à aparência física da Mônica é novamente colocada em questão. Expressa com um ato que demonstra uma depreciação, um objetivo de ‘zoar’ com a imagem da mesma. Situações como essas são frequentes em salas de aulas. O desrespeito a características físicas de crianças acontece bastante. Um colega apelida o outro quase que constantemente.

Nesta outra tira,

s/a s/p **Figura 9:** Screenshot: Olhos vendadosFonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>**Figura 10:** Screenshot: Cebolinha se assusta

S/a S/p

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>



Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Ano: 2001 S/p

Figura 11: Screenshot: Vista grossa
Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>

Quadrinhos como esse, que trazem a discussão sobre esta questão, podem ser utilizados como ferramenta para análise, discussão junto às crianças, para o desmanche de conceitos negativos ou de desvalorização e discriminação quanto a formas físicas.



Copyright © 2004 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Ano: 2001 S/p

Figura 12: Screenshot: Mônica se aborrece
Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>

Podemos considerar com isso tudo que as histórias em quadrinhos da turma da Mônica relatam uma problemática existente na vida de muitas crianças que se encontram no momento de se relacionarem com as inúmeras diferenças, sejam elas de ideias, valores, crenças, religiosidade, características físicas entre outras, e que, em muitos casos, ocorre uma brusca dificuldade em lidar com estas mesmas. Esta dificuldade possui uma diversidade de causas. Pode ser proveniente de valores e conceitos disseminados em algum dos ambientes no qual ele convive e estabelece relações que por sua vez influenciam seu desenvolvimento, como resalta Vygotsky (ano). Esses ambientes e espaços de convívio podem ser a família, a comunidade, ou mesmo a escola.

Fazendo uma ligação desta questão com os estudos e teoria de Vygotsky (1996) estudado por Lucci (2006), consideramos que, as crianças, em seu processo de desenvolvimento, estão bem suscetíveis a influencia que o ambiente externo e as relações sociais exercem, e esta influencia reflete bastante em seu comportamento social. A todo momento de nossas vidas estamos aprendendo. Nas relações sociais aprendemos uns com os outros tanto conceitos construtivos quanto conceitos equivocados.

Sabendo que, quem faz a escola são aqueles que ali estão – (educadores e educandos), podem ser eles próprios, ou uma parte deles, que estão a favorecer o desenvolvimento de relações desrespeitosas, bem como a disseminação de atitudes preconceituosas ou autoritárias. Essas relações, em algumas situações, podem ser promovidas pelos próprios educadores, durante o processo educativo de ensino e aprendizagem das crianças e, já que estas últimas estão ali sendo ‘educadas’ por eles, é preciso compreender o poder que os atos possuem na vida dos educandos.

O professor tem a função de construir cidadão. Essa construção deve ser pautada na alteridade e nos mais positivos valores, para que os educandos desenvolvam a percepção da vivência com a diversidade e do respeito e valorização às mesmas, desfortalecendo e desconstruindo conceitos de inferioridade a específicas formas de ser e de viver.

Estes quadrinhos ou tiras da turma da Mônica podem ser introduzidos nas escolas como proposta de trabalho para a alteridade, ou seja, para o trabalho do respeito às diferenças. A utilização destes quadrinhos encaixa-se na perspectiva dos estudos de Santos (1995) apud Oliveira (2008) quando estes dizem que o uso de imagens desestabilizadoras pode causar o não conformismo naqueles que as observam, e este é o objetivo desta proposta de análise, levar as crianças a repensarem certos comportamentos, bem como o valor e conceito que se encontram por trás dele, e ainda se estes são positivos ou negativos.

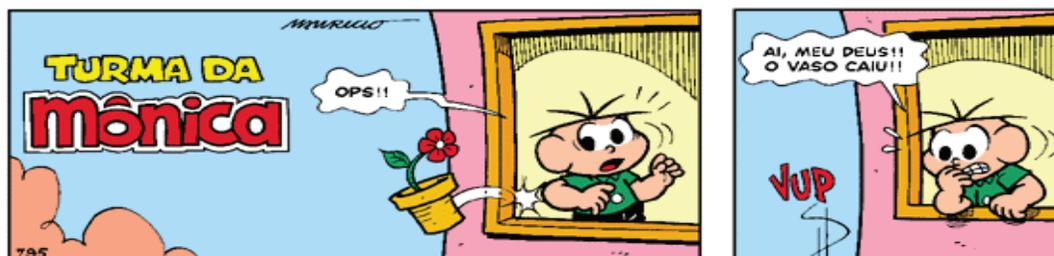


Figura 13: Screenshot: Susto



s/a s/p **Figura 14:** Screenshot: Cebolinha corre

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>



s/a s/p **Figura 15:** Screenshot: À espera da queda

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>



s/a s/p

Figura 16: Screenshot: Mônica é humilhada

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>

Estes quadrinhos, quando utilizados numa proposta de trabalho pedagógico com fundamentos teóricos sobre a alteridade, educam para os direitos humanos ao discutir e representar o bullying. Enquanto educadores podemos nos apropriar destes recursos e

conduzir as crianças a refletir sobre a violência representada pelas personagens Mônica, Cebolinha e Cascão, representação essa de relações presentes em muitas das escolas e nas interações entre as crianças.

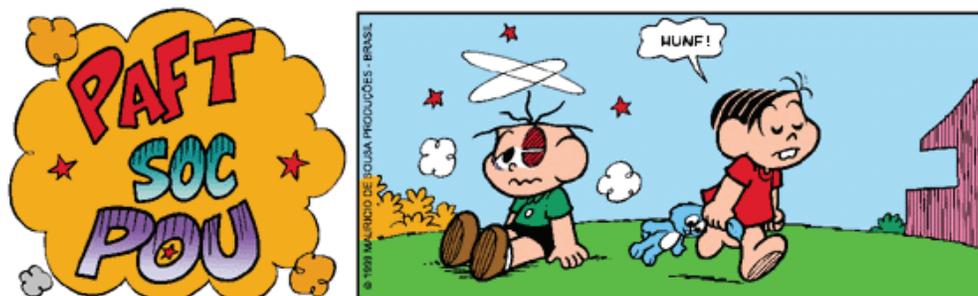
O quadrinho a seguir traz a representação uma questão bastante interessante. Trata-se de uma reação que a maioria das vítimas de bullying apresenta ou passa, ao decorrer do tempo, a apresentar.



s/as/p

Figura 17:Screenshot: Mônica xingada

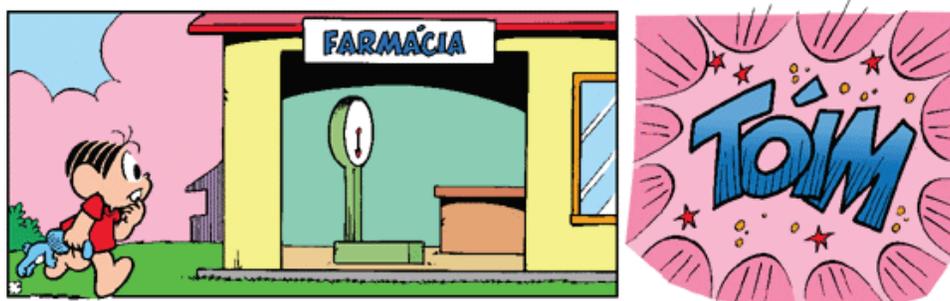
Fonte:<http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>



s/as/p

Figura 18:Screenshot: Mônica espanca

Fonte:<http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>



s/as/p

Figura 19:Screenshot: Mônica surpresa

Fonte:<http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>



s/a s/p **Figura 20:** Screenshot: Mônica envergonha-se

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>

Neste quadrinho, a Mônica mais uma vez é vítima do bullying, ao ser agredida verbalmente/psicologicamente. Logo após ser apelidada de ‘gorda’, ela vê-se diante de uma balança que a faz, imediatamente, ter repulsa ao objeto, e isso acontece pelo fato dela está interiorizando aquilo que dizem sobre ela.

Mônica passa a apresentar um comportamento de confirmação dos conceitos expressos através dos xingamentos e chacotas ditos por Cebolinha. Ela demonstra uma aversão à ‘símbolos’ ou objetos que a fazem lembrar os termos pejorativos aos quais ela é submetida, e essa repulsa é a confirmação de que o bullying afeta também o psicológico daquele que sofre esta violência. A vítima vai construindo um conceito sobre si mesma totalmente inferiorizado e negativo.

Toda esta ideia e concepção ínfima sobre si mesmo (a) interfere e reflete nas relações interpessoais e sociais do (a) mesmo (a), e essa influência será bastante danosa, causando-lhe dificuldade em socializar-se, em desenvolver laços de amizade e afetivos, sem falar que fortalecerá a ‘visão’ ruim que ele possui de si mesmo (a).

É preciso que, principalmente os profissionais da educação, que podem contribuir com a ação pedagógica e educacional, e com conhecimentos no desenvolvimento das diversas aprendizagens dos educandos tanto dos conhecimentos formais quanto dos conteúdos e valores construtores do ‘ser subjetivo’, considerem o bullying uma problemática social séria. É necessário encarar a gravidade que esta violência exprime na vida de inúmeros indivíduos e no ambiente em geral.

É fundamental que sejam observados os comportamentos e atitudes dos educandos entre si, para ser lançada uma intervenção educacional com sentido contrário

ao que está sendo lançado na situação. Isso pode ser feito promovendo o conceito de reconhecimento e valorização das características de cada um.

Utilizando as HQs da turma da Mônica, onde a representação do bullying se faz, é relevante o desenvolvimento de aulas que trabalhem a alteridade, guiando os educandos a pensarem sobre seus comportamentos e sobre o comportamento nas HQs representados. Os quadrinhos e tiras aqui utilizados são aparatos de grande contribuição para um trabalho como esse, que objetiva lançar a reflexão pessoal do comportamento de cada um sobre si mesmo. São mostradas imagens que fomentam a identificação de possíveis atos de violência gerados por nós mesmos em nossa realidade diária e que precisam, urgentemente, serem repensados para transformarem-se em valores renovados na alteridade e respeito ao outro da mesma forma que desejamos o respeito a nós.

3 DAS HISTÓRIAS EM QUADRINHOS AO CONTEXTO EM SALA DE AULA NOS ANOS INICIAIS: REFLETINDO SOBRE O BULLYING E OS DIREITOS HUMANOS

3.1 A reflexão sobre bullying e direitos humanos através das histórias em quadrinhos da turma da Mônica

Este capítulo trazas oficinas realizadas que tiveram embasamento na pesquisa qualitativa. Segundo Oliveira (S/a e S/p), “os procedimentos metodológicos, então, são do tipo etnográfico como, por exemplo: observação participante, entrevista, história de vida, dentre outros.” Esta pesquisa utilizou-se de observação participante dentre outros procedimentos.

Esta pesquisa foi realizada na Escola Municipal CEAI – Governador Antônio Mariz, fundada em 26 de outubro de 1995, pelo prefeito Félix Araújo Filho. A pesquisa aconteceu durante o período de três dias, tendo acontecido no dia 12-11-2012, seguindo no dia 13/11/2012 e terminando em 19-12-2012, com uma turma de vinte alunos do 5º ano (4ª série), onde a idade dos educandos ia de 10 à 13 anos.

Localizada na Rua Marcelino Pereira da Rocha, no bairro da Ressurreição, esta escola possui o Projeto Político Pedagógico que, segundo a diretora adjunta, trata em partes sobre questões relacionadas ao bullying. Porém a escola inclui projeto sobre a temática. No total, são 11 salas de aula, uma sala de informática, uma sala de multimídia e uma sala de leitura. Quanto aos educadores são oito que trabalham no turno da manhã e quinze que trabalham à tarde.



Figura 21: Vista externa da escola
Fonte: Luíza Thuane Nóbrega Guedes

Fizemos uso de fontes do tipo: entrevista realizada por meio de questionários, além de oficinas pedagógicas subsidiadas em uma variedade de teorias estudadas, bem como no uso de tirinhas das HQs da turma da Mônica como elementos de significativo potencial educativo, propiciadores da discussão de problemáticas sociais como a aqui estudada, bullying. Consideramos que as HQs da turma da Mônica enriquecem trabalhos como esse por trazerem discussões sobre a prática do bullying quando utilizam da representação do bullying nas relações entre Mônica e Cebolinha.

Neste contexto, o imaginário das crianças leitoras cruza com a realidade do mundo social, no qual este fenômeno está presente. Desta maneira, se torna mais interessante uma prática pedagógica realizada com crianças com uma análise feita por meio de desenhos que já tratam sobre o tema abordado, como no caso os quadrinhos da turma da Mônica. As HQs da turma da Mônica, além de propiciar uma aula dinâmica, favorece o diálogo, já que os personagens são crianças e os participantes terminaram por se identificarem com os mesmos.

“A preocupação desse tipo de pesquisa é retratar a complexidade de uma situação particular, focalizando o problema em seu aspecto total.” Oliveira (S/a e S/p). O estudo é feito numa ocasião específica, porém considerando a problemática em seu aspecto geral. Considera-se, então, que foi utilizada para análise uma circunstância específica de um total.

O tipo de pesquisa qualitativa aqui realizada é chamado de *pesquisa de campo* e de *estudo de caso*. De acordo com Oliveira (S/a e S/p) “O estudo de caso deve ser aplicado quando o pesquisador tiver o interesse em pesquisar uma situação singular, particular.” Nas ideias de Ludke e André, dentre suas várias características, o estudo de caso: enfatiza a ‘interpretação em contexto’; utilizam uma linguagem e uma forma mais acessível do que os outros relatórios de pesquisa (LÜDKE E ANDRÉ, 1986, p. 18-20 apud OLIVEIRA, s/a e s/p).

Neste tipo de pesquisa a questão externa, bem como os fatores nela presentes, auxiliam na compreensão do problema analisado. Um estudo de caso vai apresentar três fases em seu desenvolvimento. Nas palavras de Nisbet (s/a e s/p) e Watt (s/a e s/p), apud Lüdke e André (1986), a primeira delas é a fase exploratória – delimitação do campo e

dos sujeitos da pesquisa; a segunda é a realização de um momento onde há delimitação do estudo e a coleta de dados – feita com o uso dos instrumentos mais adequados escolhidos pelo pesquisador; e, por fim, é feito um terceiro estágio, onde há a análise sistemática desses dados, culminando na realização do relatório – seleção das informações que interessam. (OLIVEIRA, S/a e S/p).

As entrevistas realizadas neste trabalho são semiestruturadas. As perguntas são construídas anteriormente, sendo a maioria das respostas livres. As entrevistas semiestruturadas podem, ainda, permanecer abertas a acréscimo de questão não prevista.

Compreendemos que a pesquisa qualitativa tem seus estudos baseados na interpretação do mundo real. Esta mesma considera as experiências e situações vividas pelos seres humanos. Desta forma compreendemos sua contribuição e importância para este trabalho.

Utilizamos o questionário como uma das fontes de pesquisa para obtermos uma compreensão a respeito do campo e dos sujeitos ali inseridos no qual iríamos realizar a análise. Objetivamos conhecer a interpretação de cada um dos educandos e educandas da turma para obtermos as informações necessárias para a confirmação da existência da prática do fenômeno bullying no campo selecionado, assim como entre os indivíduos ali presentes.

Além disso, utilizamos algumas tiras e quadrinhos das HQs da turma da Mônica, logo abaixo expostas, como fonte de pesquisa utilizada no momento da prática pedagógica com o intuito de discutirmos, em conjunto, sobre a representação do bullying na relação entre Cebolinha e Mônica. Almejamos apurar resultados que dessem por comprovada a reprodução do bullying nas HQs que, por sua vez, representam uma realidade da vida de muitas crianças.

Trabalhamos com vinte quadrinhos da turma da Mônica. São eles:



s/a s/p **Figura 22:** Screenshot: Mônica irritada / s/p **Figura 23:** Screenshot: Mônica saturada

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm> Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>

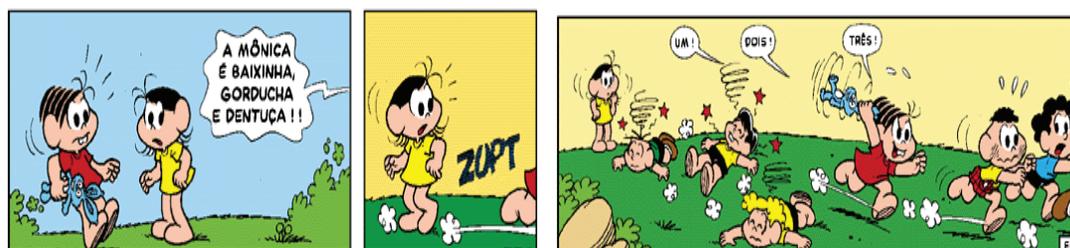


Figura 24: Screenshot: Mônica é apelidada **Figura 25:** Screenshot: Mônica bate

s/a s/p Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm> / s/a s/p Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>

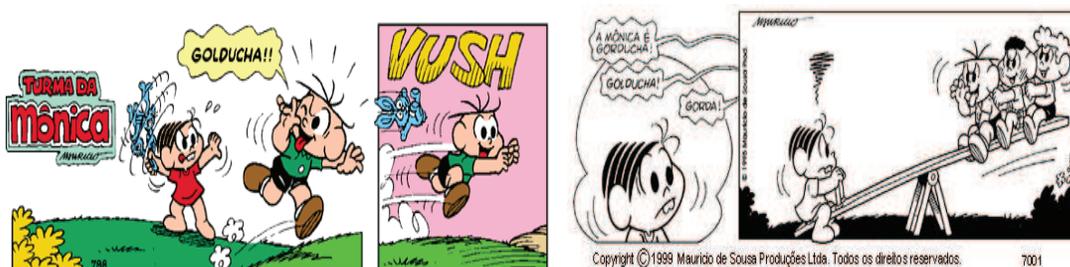


Figura 26: Screenshot: Mônica desrespeitada **Figura 27:** Screenshot: Pressão psicológica

s/a s/p Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm> s/a s/p Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>

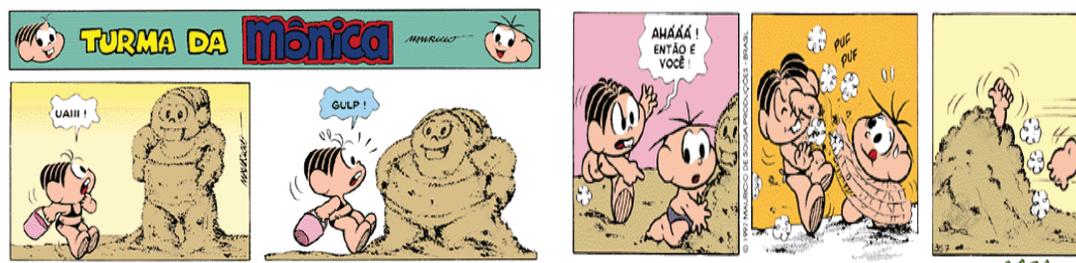


Figura 28: Screenshot: Aparência física denegrada **Figura 29:** Screenshot: Mônica é sacaneada

s/a s/p Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm> s/a s/p Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>

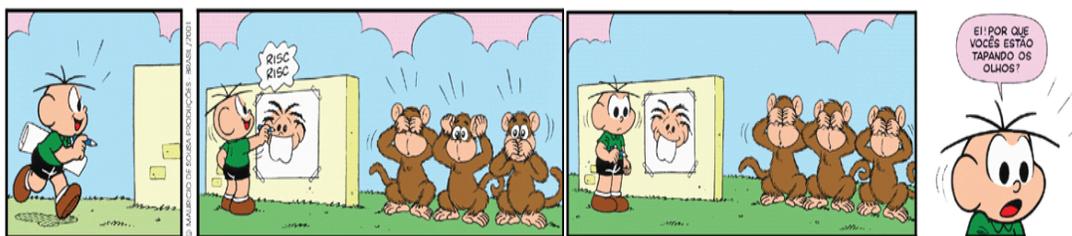
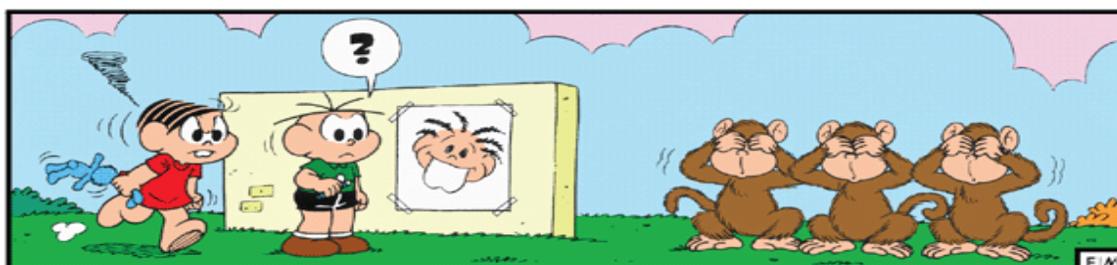


Figura 30: Screenshot: Olhos vendados **Figura 31:** Screenshot: Cebolinha se assusta

Ano: 2001 S/p

Ano: 2001 S/p

Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm> Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas.htm>



Copyright © 2001 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

Figura 32: Screenshot: Vista grossa

Ano: 2001 S/p Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/htm>



Copyright © 2004 Mauricio de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.

5301

Figura 33: Screenshot: Mônica se aborrece **Figura 34:** Screenshot: Susto

Ano: 2004 s/p Fonte: www.monica.com.br/comics/tirinhas/htms/a s/p Fonte: www.monica.com.br/comics/tirinhas/htm

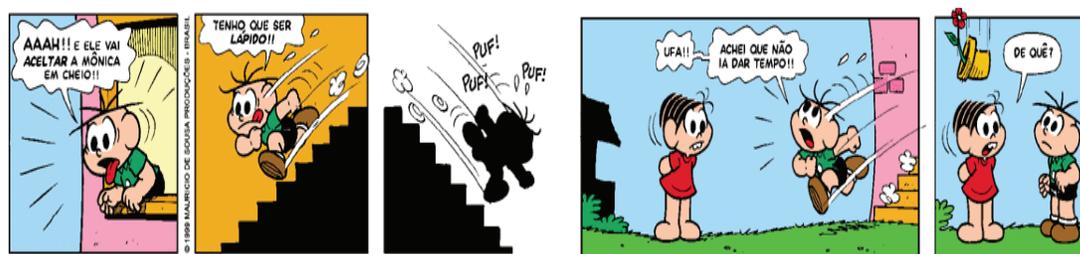


Figura 35: Screenshot: Cebolinha corre **Figura 36:** Screenshot: À espera da queda

s/a s/p Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/htm>

s/a s/p Fonte: <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/htm>

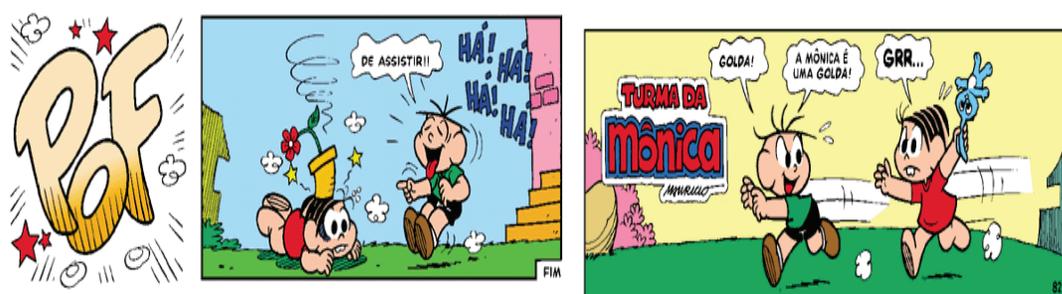


Figura 37: Screenshot: Mônica é humilhada **Figura 38:** Screenshot: Mônica xingada
 s/as/p **Fonte:** <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/htm>s/as/p **Fonte:** <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/htm>

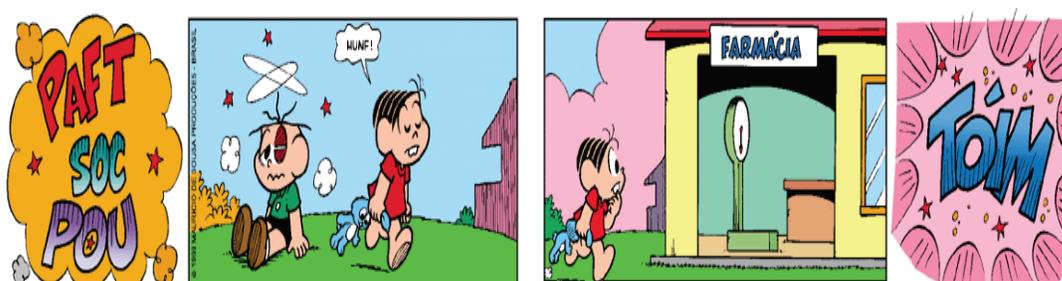


Figura 39: Screenshot: Mônica espanca **Figura 40:** Screenshot: Mônica surpresa
 S/a S/p **Fonte:** <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/htms/as/p> **Fonte:** <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/htm>

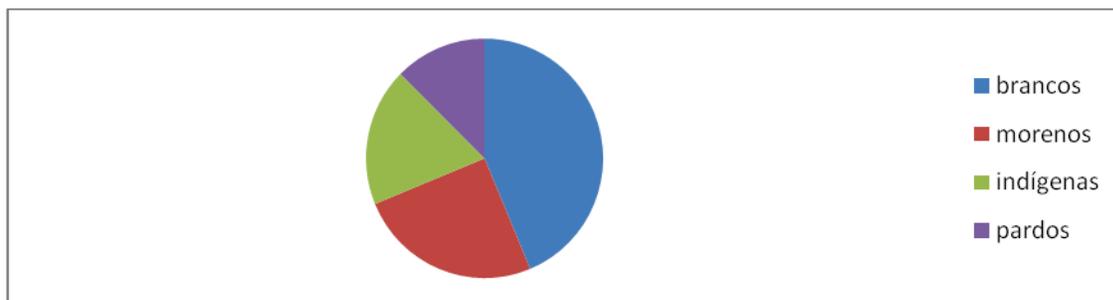


Figura 41: Screenshot: Mônica envergonha-se
 S/a S/p **Fonte:** <http://www.monica.com.br/comics/tirinhas/htm>

Durante a avaliação feita das perguntas abertas, utilizamos as iniciais dos nomes dos educandos e educandas para manter sigilo sobre as crianças participantes.

Com a participação de 16 alunos e alunas, partimos para a avaliação das questões fechadas do questionário. Iniciamos pela pergunta “Você se considera: branco, negro, indígena ou outro – qual?”. Observamos o resultado no gráfico abaixo: sete deles se consideram brancos (as); quatro consideram-se morenos (as); três indígenas e dois pardos.

Gráfico 1

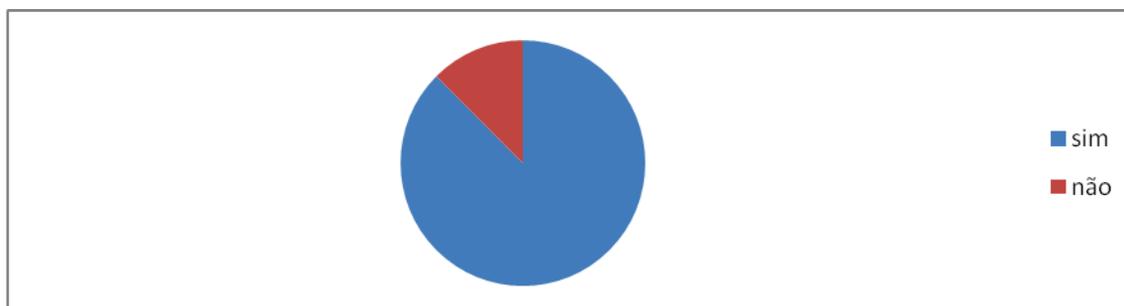


Fonte: pesquisa de campo

Vale salientar que nenhum (a) deles (as) marcou a alternativa que os definia negro (s), mesmo muitos (as) deles (as) apresentando características respectivas da raça negra.

Na pergunta seguinte “Você gosta de histórias em quadrinhos? Sim ou não?”, observemos o resultado no gráfico abaixo que mostra que quatorze deles e delas responderam “sim”. Apenas dois disseram não gostar de histórias em quadrinhos.

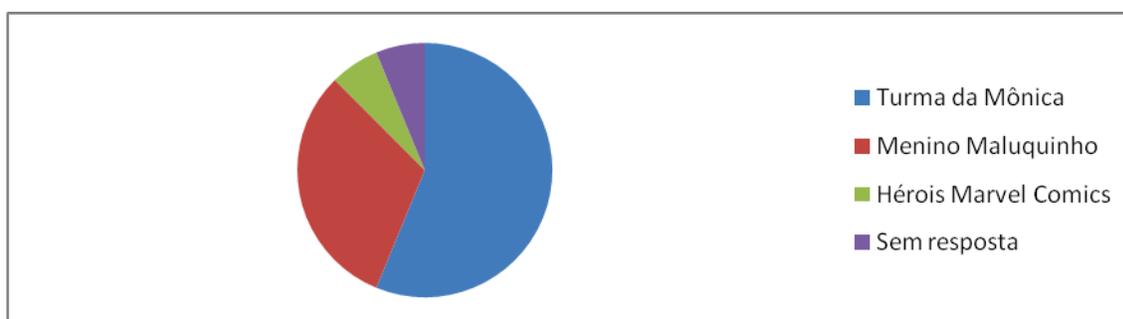
Gráfico 2



Fonte: pesquisa de campo

Já com respeito à pergunta “Quais os tipos de quadrinhos que você mais gosta?”, observamos que muitos deles (as) gostam das HQs da turma da Mônica. Verificamos no quadro abaixo, a representação das respostas em que nove dos educandos e educandas responderam gostar da turma da Mônica; cinco disseram gostar do Menino maluquinho; um respondeu gostar dos Heróis Marvel Comics; e um não respondeu.

Gráfico 3

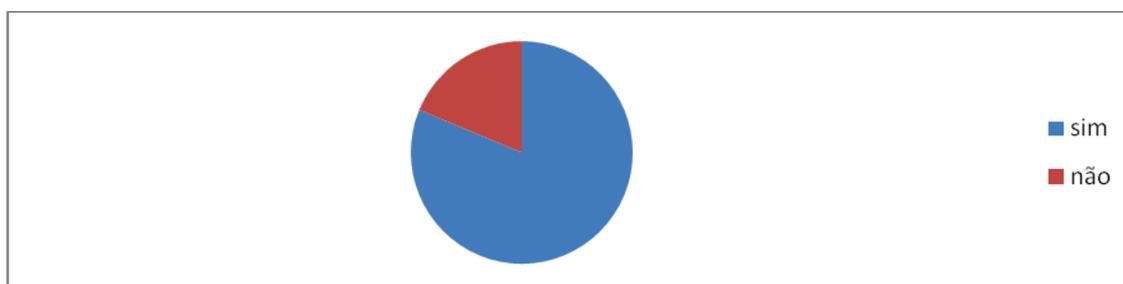


Fonte: pesquisa de campo

Este resultado mostra uma receptividade das histórias em quadrinhos da turma da Mônica por parte das crianças aqui entrevistadas.

Na pergunta seguinte “Você já presenciou cenas de violência na escola?”, observamos a proporção das respostas neste gráfico que mostra que treze dos educandos e educandas responderam que sim, já presenciaram cenas de violência na escola. Apenas três responderam que não.

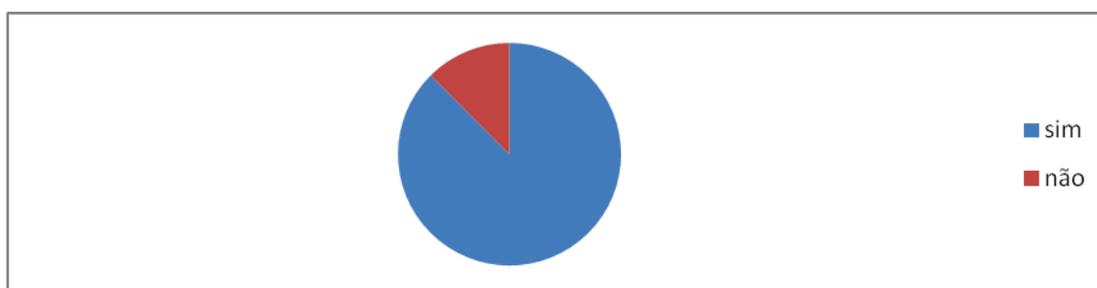
Gráfico 4



Fonte: pesquisa de campo

Apresentando uma relação com esta pergunta, o questionamento seguinte “Algum coleguinha na escola já xingou ou bateu em você?” aponta que quatorze deles responderam que sim, somente dois disseram que não.

Gráfico 5

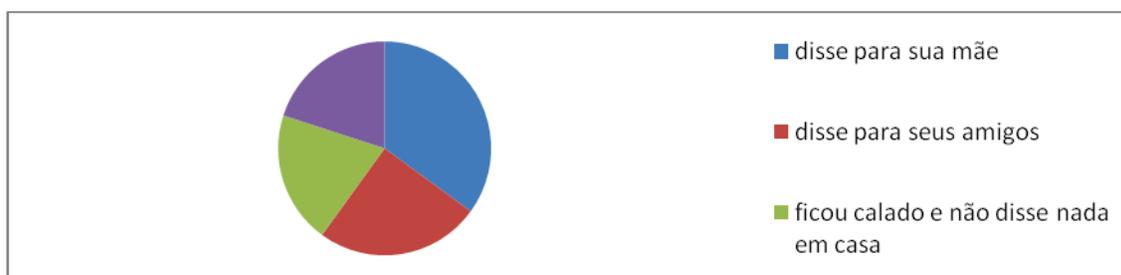


Fonte: pesquisa de campo

Observamos nas respostas de dois deles uma controvérsia. Ambos disseram que não presenciaram cenas de violência na escola. Porém, ao serem questionados se alguma colega já havia xingado ou batido neles, responderam que sim. Não presenciaram violência, mas em contrapartida haviam sido vítimas da mesma.

Analisando a pergunta que encerra a sequência de questões fechadas verificamos as respostas. “Quando alguém cometeu violência com você na escola o que você fez?”. Observamos que sete deles responderam que disseram para a mãe; cinco disseram que ficaram calados e não disseram nada em casa; cinco deles responderam que disseram aos amigos e quatro responderam que disseram para a professora.

Gráfico 6



Fonte: pesquisa de campo

Concluimos, com estas respostas, que a violência é uma realidade ‘gritante’ e presente na vida de muitos deles (as). Enxergamos, também, que a maioria deles (as) procurou ajuda de alguém para interceder a respeito e ajuda-los de alguma forma.

Após estes dados, partimos para a análise das oficinas pedagógicas realizadas. No primeiro dia foi desenvolvida uma discussão a respeito do bullying. Iniciei uma fala sobre a conceituação do bullying. Explicamos para a turma que o que caracterizava o bullying era a prática da violência, seja ela física = bater, chutar, empurrar; verbal =

apelidar, xingar; ou virtual = xingamentos feitos em redes sociais, que resultam no cyberbullying.



Figura 42: Primeiro contato com as crianças
Fonte: Luíza Thuane Nóbrega Guedes

À medida que discutimos com eles sobre o bullying permitimos que eles interferissem e participassem do que estava sendo conversado. Todos demonstraram estar atenciosos durante a elucidação.

Durante a explicação iam surgindo pronunciamentos que demonstravam uma ativa participação de uma parte dos educandos. Eram expressas afirmações do tipo: ‘bullying é violência’. Quando lancei a pergunta sobre quem ali gostava de ser respeitado (a) a resposta foi unânime – Todos gostavam e desejavam ser respeitados. Quando lancei a pergunta sobre quem ali gostava de ser xingado ou apelidado, a resposta também foi unânime – Nenhum deles (as) queria ser insultado ou sofrer chacota.



Figura 43: O diálogo prossegue
Fonte: Luíza Thuane Nóbrega Guedes

O momento de conversa continuou até que uma das alunas apontou para uma de suas colegas e disse que ela era apelidada de gordinha por muitos da turma. A menina ficou calada e não pronunciou nada a respeito. Outra menina, que sentava na cadeira à frente da que é apelidada pelos colegas disse que também a chamava de gordinha, mas que sua atitude representava um gesto de carinho que tinha pela amiga. Foi, então, que lancei a pergunta: ‘Vocês já perguntaram a sua colega se ela gosta de ser chamada assim? Se ela gosta de ser tratada por esse nome?’ Elas responderam: ‘Não’. E uma delas levantou da cadeira, foi até a colega, sentou-se em seu colo e falou: ‘Mas ela sabe que eu gosto dela’.

Observamos através de posicionamentos como esses que não há, na maioria das pessoas, a percepção da gravidade que existena forma como se trata o outro. Os direitos humanos parecem ser necessários ser aplicados somente a nós. Apenas nós temos o direito de ser respeitado, o outro talvez não precise, talvez não se importe se o desrespeitarmos ou o lesarmos de alguma forma.

A questão de se perceber o outro como indivíduo que também possui direitos iguais aos nossos parece não ser lembrado. E assim as relações se tornam desiguais, onde ‘eu’ posso e o ‘outro’ não pode. ‘Eu’ devo ser respeitado, o ‘outro’ não precisa, não sente essa necessidade. Depois da discussão, aplicamos um questionário com 11 perguntas. Eles (as) responderam e em seguida demos por encerrado o trabalho do dia.

Após o diálogo sobre o bullying, aplicamos um questionário com 11 perguntas, algumas fechadas outras abertas a respostas. A turma é composta por volta de 22 alunos e alunas, mas somente dezesseis estavam presentes e responderam as questões.



Figura 44: Realização da aplicação dos questionários
Fonte: Luíza Thuane Nóbrega Guedes

A maioria deles (as) solicitava ajuda para responder a algumas perguntas. Sabendo da necessidade das respostas serem pessoais, buscamos não interferir ou mudar o sentido das mesmas com nossa fala. Foi então que explicamos detalhadamente as questões referidas.



Figura 45: Momento de mediação para resolução do questionário
Fonte: Luíza Thuane Nóbrega Guedes

No segundo momento, efetivado na data 13/11/2012, (terça-feira), realizamos um trabalho com slide onde expomos tiras e quadrinhos da turma da Mônica que contivessem a representação da violência nas relações sociais como forma de trazer à sala de aula imagens que reproduzissem uma problemática que se encontra existente em nossa realidade. Objetivamos ainda conduzir as crianças a refletirem a respeito das consequências que a prática do bullying gera a partir da observação dos comportamentos da Mônica, que na relação é a vítima, e do Cebolinha, que é o agressor.



Figura 46: Aula expositiva com tirinhas da turma da Mônica
Fonte: arquivo pessoal de Luíza Thuane Nóbrega Guedes



Figura 47: Momento de aprendizado com tiras da turma da Mônica
Fonte: arquivo pessoal de Luíza Thuane Nóbrega Guedes

Este trabalho pedagógico feito com as HQs da turma da Mônica despertou um interesse diferenciado nas crianças. À medida que íamos expondo os quadrinhos, trocamos ideias sobre as atitudes do agressor e a reação da Mônica. Durante a explicação, perguntamos se eles (as) acreditavam que nas tiras havia a prática do bullying. Todos responderam que sim. E o diálogo seguia. Depois da apresentação e discussão dos quadrinhos que traziam a perspectiva da inferiorização e negação da imagem, do desrespeito às características físicas e de personalidade, além das atitudes de exercício de bullying, demos por encerrada a aula do dia.



Figura48: Dialogando sobre as tiras da turma da Mônica
Fonte: arquivo pessoal de Luíza Thuane Nóbrega Guedes

No terceiro dia da oficina, retornamos a sala de aula e, primeiramente, fizemos uma breve retrospectiva do que foi debatido em grupo na última aula e relembramos a observação dos quadrinhos e tiras da turma da Mônica vistos. Em seguida, distribuimos a ficha para os educandos responderem. A ficha continha quatro perguntas referentes ao que eles e elas aprenderam com a oficina promovida. Este documento final será analisado posteriormente no capítulo seguinte.



Figura 49: Momentos finais das oficinas

Fonte: Luíza Thuane Nóbrega Guedes

Foi perceptível identificar a violência veiculada ao bullying na escola por meio da oficina pedagógica realizada. Além das respostas dos questionários que confirmam isso, as falas ditas durante o momento em que eles respondiam ao questionário também eram voltadas à comprovação desta afirmação. Trabalhos deste tipo auxiliam na identificação da existência de problemáticas sociais como o bullying, aqui pesquisado. Esta é uma alternativa na qual o educador pode recorrer para buscar constatar a prática de violência e paralelamente trabalhar as questões da tolerância às diferenças, do respeito ao outro e da educação para a alteridade.



Figura 50: Encerrando as oficinas
Fonte: Luíza Thuane Nóbrega Guedes

A oficina realizada possui uma grande importância e traz uma significativa contribuição ao trabalho educacional. Como proposta de subsidiar e acrescentar de forma positiva o trabalho pedagógico, pesquisas como estas, com estes objetivos, auxiliam no desenvolvimento de uma educação que almeja promover mudanças na realidade da escola e da sala de aula. A exemplo desta oficina é possível proporcionar atividades que contribuam para o desmanche de valores de inferioridade, de discriminação, de desigualdades e de violência, conduzindo ao estabelecimento e construção de relações tolerantes, compreensíveis, baseadas na igualdade e na alteridade, fortalecendo a edificação de valores e conceitos que consideram o valor e direitos de todos.

Esta oficina favoreceu a promoção de um elemento significativo no processo do educar: O diálogo. Elemento primordial da concretização de boas relações, permitiu aos educandos, nesta oficina, terem oportunidade e espaço para expressarem suas ideias de forma a contribuírem com aquilo que já sabiam a respeito do bullying. A maior parte deles já continham um certo conhecimento sobre a temática trabalhada, o que facilitou o curso da conversa. Ampliamos as informações que eles (as) possuíam sobre o bullying e proporcionamos um aprendizado maior sobre a problemática, demonstrando a constante presença e postura do respeito como forma de estabelecer nos encontros ocorridos a construção conjunta de renovadas maneiras de ‘observar’ e considerar o outro.

Concluimos que a prática desenvolvida contribuiu de forma positiva na maneira dos alunos e alunas perceberem e considerarem o bullying. No primeiro dia da realização da oficina pudemos considerar que a maioria deles já apresentava uma convicção de que o bullying é algo danoso e prejudicial a todos os indivíduos. Na finalização da prática, observamos que eles compreenderam que o bullying representado nas HQs da turma da Mônica é algo que deve ser combatido com o respeito, com a tolerância e com seu grande contraponto, os direitos humanos.

3.2 – Refletindo sobre o bullying a partir dos questionários construídos em uma oficina pedagógica

Esboçaremos neste capítulo o resultado dos questionários aplicados durante a oficina pedagógica desenvolvida na turma de 5^a ano (4^a série) trabalhada. Traremos uma análise sobre as respostas obtidas identificando a compreensão que os mesmos possuem sobre o bullying e fazendo uma relação com o estudo e pesquisa feitos neste trabalho, bem como com os autores que tratam sobre esta temática que aqui foram tratados.

Consideramos, a partir das repostas dos questionários, que a prática da violência é presente e evidenciada na escola. Admitimos esta afirmação com base no posicionamento dos educandos quanto à violência e ao bullying, tanto nos momentos de diálogo quanto no comportamento deles enquanto participavam da conversa e no resultado das respostas do questionário aplicado, sendo este realizado no 1º dia da oficina prática.

A violência ocorre durante a aplicação do questionário. Identificamos que, além dos educandos presenciarem a violência na sala de aula e na escola em geral, eles mesmos, manifestavam atos e atitudes de violência/bullying uns com os outros.

Analisando os questionários aplicados, realizados no primeiro dia da oficina, tivemos resultados que comprovam a presença do bullying no âmbito escolar pesquisado, apenas três dos educandos M. S. (2012); (R. S. (2012) e L. B. S. (2012) ao serem questionados se já presenciaram cenas de violência na escola responderam que não. Porém na pergunta que segue esta, ao serem interrogados se algum coleguinha na escola xingado ou batido neles, todos os três responderam que sim.

Observamos, nestas respostas, que os três educandos que participaram do questionário, contradisseram a fala anterior. Não associaram o que foi explicado na apresentação inicial que esclareceu que a violência não se resume somente à física, mas também a psicológica e virtual.

Os educandos, com este posicionamento posterior, acabaram por confirmar a existência do bullying na referida escola ao dizerem que já forma vítimas de xingamentos ou de violência física. Todos os outros educandos afirmaram presenciar violência nas relações estabelecidas na instituição escolar.

Outras questões foram essenciais para verificarmos a presença perceptível do bullying na escola. Na pergunta que indaga sobre a compreensão que eles (as) têm ao ver cenas de violência nos quadrinhos, o aluno D. A. B. (2012) respondeu que “eu acho que é horrível e esta pessoa está cometendo bullying.” Semelhante ao anterior W. P. A. (2012) diz “que tá cometendo bullying.” Verificamos, com isso, a visão de percepção da prática da violência através de histórias em quadrinhos. Confirma-se, assim, que as HQs conseguem transmitir a mensagem sobre o dano que o bullying gera.

Outro estudante W. F. B. (2012) acrescenta a respeito da violência representada nas cenas de quadrinhos dizendo que esta problemática é “uma falta de educação e uma falta de respeito.” Manifesta-se aqui, a questão dos direitos humanos, sendo demonstrada uma necessidade do respeito se fazer existente em meio às relações interpessoais. Ainda sobre esta pergunta a aluna M. S. S. (2012) diz “Eu acho sem graça por que ninguém queria ser xingado.” O aluno L. F. S. (2012) afirma que “eu acho muito feio para mim porque eu não gosto de violência.” Semelhante a esse pronunciamento, a aluna V. S. A. (2012) diz “Eu acho muito feio um personagem agredindo o outro.”

Mais uma vez o pronunciamento de descontentamento com relação ao desrespeito e violência nas relações sociais é mostrado. A postura dos educandos demonstra considerar importante o estabelecimento de relações respeitadas e tolerantes. A educanda P. I. S. (2012) traz uma perspectiva diferente dos (as) demais. Segundo ela, é “inadequado, para uma história infantil.” Semelhante a ela, a aluna S. S. R. (2012) diz que é “muito errado por historinhas em quadrinhos é infantil e não deve ter essas coisas.”

Observamos com estas respostas que estas crianças já apresentam a ideia da necessidade primordial de bons valores na convivência em sociedade. São valores como estes que favorecem o desenvolvimento de relações pautadas na alteridade, na qual o respeito à forma de ser do outro acontece, da mesma maneira que desejamos ser aceitos e respeitados pelo que somos. Todos temos o desejo e necessidade de construir o sentimento de pertence ao lugar e ao grupo que frequentamos e convivemos, neles se inserem pessoas nas quais contribuíram ou não para a realização de construção deste sentimento.

É, então que, a convivência saudável é primordial para que os indivíduos sintam-se parte do todo e compreendam sua importância. Atitudes de transigência, de valorização da diversidade e atos de alteridade são essenciais à convivência sã. Já nos lembra Boaventura apud Oliveira (2008).

Analisando outra pergunta componente do questionário, notamos que vários deles se remeteram a questão da ausência da educação como causa do comportamento violento. A pergunta indagou o que eles e elas pensam sobre os coleguinhas da escola que batem ou xingam os outros. Primeiro o educando W. P. A. (2012) diz “eu acho que os pais não dão educação aos filhos corretamente.” J. O. (2012) acrescenta “eu acho que a mãe não deu educação. Com ideia semelhante aos anteriores, R. L. (2012) considera “muito feio parase que não tem educação.”

Outros (as) alunos trouxeram fatores diferentes para análise dos colegas que xingam ou batem os outros. A aluna R. S. (2012) diz “eu peso que se eles crescer do jeito que eles estão eles vão querer matar todo mundo.” Este pronunciamento levanta uma questão delicada do bullying, que é uma de suas consequências, mas especificamente a consequência futura para aquele que pratica o bullying. Um dos possíveis efeitos negativos graves que a prática do bullying pode causar à vida do agressor, o desejo por querer matar pessoas.

A psiquiatra SILVA (2010), diz que o bullying é uma prática que gera consequências sérias e algumas vezes graves tanto para a vítima, quanto para o agressor. Este último também é afetado negativamente com a relação ocorrente. SILVA (2010) traz um relato de um rapaz classificado por ela como agressor que não possuía limites e não

obedecia a seus pais. Praticava as mais variadas ações destrutivas nas proximidades onde morava. O resultado de seu comportamento violento o levou a tornar-se um indivíduo que permaneceu sendo agressivo e desobediente a regras, tornando-se conhecido pela comunidade como vândalo.

O caso relatado pela psiquiatra não continha assassinato (s), mas mostrou um maléfico resultado diante da prática recorrente do jovem. O bullying torna-se uma problemática ruim e danosa não só para o momento presente, mas também para a vida futura, tanto para as vítimas como para os agressores. Enfim, para todos os envolvidos na situação, não só para os que sofrem a violência, mas também para os que a praticam.

Deste modo, a aluna W. F. B. (2012) explicou dizendo “eu penso que eles são revoltado com alguma coisa.” A fala de W. F. B. (2012) coloca em análise um importante elemento no universo do bullying, a causa que leva à prática desta violência. O porquê de o agressor agir da forma que age. Uma questão que se encontra por traz deste fenômeno e que muitas pessoas não observam ou não consideram. Os agressores não são violentos sem uma causa. Utilizando as teorias de Silva (2010), e de Bauman apud Almeida e Bracht (2006), consideramos que muitos deles possuem este temperamento em suas personalidades decorrente da convivência social em ambientes onde o desrespeito, competição e o individualismo prevalecem, e que acabam por construir uma sociedade desajustada.

Assim, a fala de M. H. F. (2012) direciona a causa do comportamento violento de alguns colegas para a ausência do amor. Diz “eu acho que eles sofria isso por que não tem amor. e o bullying começa em casa se eles tivesse amor eles não fazia isso.”. Observamos, mais uma vez, a discussão em torno dos valores presentes no meio social como influentes no desenvolvimento do ser. Se o indivíduo convive em espaços sociais onde não há o amor, conseqüentemente terá posturas desamorosas para com o (s) próximo (s). Se o grupo social no qual ele se insere não estabelece relações saudáveis e harmoniosas, ele possivelmente construiu relações incumbidas de valores negativos. Além disso, não compreenderá o valor próprio e o valor do outro enquanto elementos constituintes da sociedade.

A aluna M. S. S. (2012) comenta a respeito de colegas que batem ou xingam os outros que considera “orriveu queria saber se ele gostariam que os outros xingasem e baterem nele.” Diante deste pronunciamento, destacamos a referência à atitude de colocar-se no ‘lugar’ do outro, de imaginar a reação da vítima de violência perante a situação vivida. Identificamos o sentimento de compaixão para com aqueles que sofrem bullying, assim como a visão de que este fenômeno causa sofrimento àquele que sofre com ele.

M. S. (2012) afirma “eu axo que ele estar gausadobullyig.” D. A. B. (2012) considera que “este coleguinha ele não respeitar ningué e ele comete bullying.” É interessante estas percepções de que algumas vítimas do bullying, ao reagir com agressão, também praticam bullying. Estas pessoas passam a reproduzir exatamente aquilo que sofrem, gerando um ciclo de violência contínua.

Analisando a questão que segue que indaga o que eles pensam quando veem a Mônica batendo no Cebolinha com seu coelhinho, o aluno D. A. B. (2012) fala “eu penso que ela e muinto mau e ela está cometendo um bullying.” Esta visão se mostra bastante restrita quando não considera o que levou a Mônica a reagir de forma brava. As atitudes por ela tomadas são respostas à situação constrangedora que vive. Ela não bate no Cebolinha por nada, mas por ele apelidá-la.

De fato a reação da Mônica não vai solucionar a situação do bullying vivida, mas corresponde ao que é vivido na relação com o Cebolinha. A violência não é a alternativa coerente para sanar relações de desrespeito e agressão, como diz M S. S. (2012) “que não precisa resolver com violência com uma conversa.” O diálogo sim nos direciona a troca de ideias, objetivando o entendimento mútuo.

A atitude agressiva da Mônica pode ser também entendida como uma forma de defesa. V. S. A. (2012) ressalta “eu acho que ela esta ser defendendor do sebolinho por que ele vive apelidando ela.” A violência dela se torna uma reação às zombarias sofridas. L. F. S. (2012) diz “Ela bate em cebolinha por que apilida ela de dentusa e outros xingamentos.” A agressão é uma reflexão da Mônica ao sentir-se inferiorizada.

Com relação à questão de gênero a fala de P. I. S. (2012) proporciona-nos uma reflexão interessante. Ela diz “eu penso que isso é horível pra uma menina bater em um

minino.” Este pronunciamento remete a ‘inferioridade’ feminina e a ‘superioridade’ masculina. A aluna não diz considerar horrível a atitude de violentar fisicamente as pessoas, independente de esta atitude partir de um menino ou menina, mas salienta ser horrível uma menina bater em um menino, enfocando, assim, o feminismo. Como se fosse chocante a menina bater no menino, mas se fosse o contrário talvez não seria tão feio.

Já numa perspectiva de reproduzir o assimilado, R. S. (2012) diz “eu penso que as crianças estão assistindo aprende também.” Lembramos que, as HQs devem ser utilizadas com um objetivo e enfoque pedagógico, se assim não for a compreensão pode vir a ser equivocada ou mesmo mal compreendida. A fala da aluna remete a questão de que é preciso orientar os leitores de que as HQs buscam representar questões do cotidiano e da realidade por nós vivida. É imprescindível o trabalho de condução e orientação do professor para que as crianças que visualizam as tiras ou quadrinhos da turma da Mônica observem que o que o bullying ali representado não deve ser admirado, mas sim relacionado com nossa realidade e com possíveis relações existentes em nossas relações.

Partindo para a análise da questão que indaga o que eles fariam se alguém fizesse o mesmo com eles a maioria apresentou respostas semelhantes. O educando W. P. A. (2012) diz “eu ficaria calado.” R. S. (2012) diz “eu não falava nada porque eu não gosto de brigar.” A atitude do não – posicionamento impede que a família ou a escola saibam o que acontece com a criança, além de não permitir que se busque uma solução para a situação. O silêncio das vítimas acaba que se tornando a força do agressor, já que este último comete o que quer e não é alertado do mau que gera. O silêncio faz com que os agressores continuem com os mesmos posicionamentos e atitudes violentas. O diálogo deve ser investido como elemento para a promulgação de boas relações interpessoais e sociais.

Outros alunos demonstraram pensar de maneira semelhante. S. S. R. (2012) se pronuncia dizendo “eu diria que ele parece e se ele não porque eu chamaria a diretora e não bateria nela ou nele.” Ela, então, não revidaria a violência sofrida com mais agressão. W. F. B. (2012) diz “eu não faria nada e nem diria eu ia dizer pra mãe ou pra a professora pra alguma das duas tomar algum tipo de providencia.” Nas palavras de J. O. (2012) “eu

disia a professora.” Todas estas atitudes demonstram a iniciativa buscar solução através da ajuda de alguém, dizendo aos pais ou professores a difícil situação vivida. Além disso, estas falas demonstram a busca por resolver os problemas com o diálogo, elemento que proporciona a busca por relações igualitárias e respeitadoras, onde todos terão ‘lugar’ para se expressarem.

O diálogo mais uma vez aparece como meio de promover uma solução ao problema da violência nas respostas de L. B. S. (2012) e M. S. S. (2012). O primeiro deles diz “para ele para com isso.” A segunda pessoa citada diz “Nada eu falaria que eu não gosto desse tipo de brincadeira.” Observamos que a busca por estabelecer um consenso através de uma conversa é bastante recorrente nas falas aqui levantadas.

Analisando a pergunta que indaga se o Cebolinha, ao xingar a Mônica, pratica bullying (violência), com exceção apenas da aluna S. N. que trouxe uma ideia contrária dizendo “não ele xiga a mônica porque ela bate nele.” Todos os outros participantes do questionário responderam que sim. A maioria deles (as) disse que isso ocorre por que o Cebolinha xinga e apelida a Mônica, como podemos verificar na fala de L. B. S. (2012) “Sim porque ele esta apelidando a Monica.” A educanda R. L. (2012) demonstra em sua fala a consequência de se construir relações desrespeitosas. Ela responde a questão dizendo que é “bullying porque não devemos chingar ninguém por que depois ele pode fazer o mesmo.” Observamos o cuidado e em se estabelecer relações sociais saudáveis e respeitadas, para que o colega não venha a tornar-se uma pessoa também violenta.

A aluna V. S. A. (2012) diz “Sim. Por que ele está olhando para o defeito dela não para o valor dela.” Nesta fala percebemos que a sua resposta remete à questão da alteridade, dos valores éticos e da importância da amizade. Ao invés de considerar o valor que o indivíduo possui, bem como os seus valores e caráter, é inferiorizada a imagem do indivíduo.

Ao invés de agir eticamente buscando respeitar a diversidade e personalidade própria dos indivíduos, denigre a aparência física das pessoas. A aluna M. F. A. (2012) acrescenta esta questão dizendo “sim, porque ele ta falando uma coisa que ela não gosta.” Questões essas referentes a desacatar e ofender a pessoa referida, gerando um mau estar na mesma.

Neste sentido, P. S. O. (2012) responde “porque ele não gosta de ser xingado para xingar os outros.” Essa postura conota que o agressor promove violência, mas não gosta de sofrê-la. Segundo esta ideia o agressor sente que o que pratica não é bom, uma vez que ele não deseja para si mesmo. Se fosse algo bom, gostaria que o mesmo lhe acontecesse. Não considera, então, o valor da amizade nem respeita os direitos humanos, nem tampouco percebe que os colegas possuem os mesmos direitos que nós, de serem respeitados pelo que são, da mesma maneira que desejamos e almejamos ser respeitados pelos demais.

Avaliando a última questão do questionário sobre o que fazer para evitar a violência nas escolas, destacamos as respostas de D. A. B (2012) e M. S. S. (2012). A primeira diz “na minha escola ninguém pode xingar a pessoa por que ele está cometendo bullying e também não bater porque ele não queria que nos batesse nele.”. Tendo atitudes de combate à violência evitaremos a prática e desenvolvimento do bullying, e ainda manteremos o respeito nas relações com os indivíduos. Já o aluno M. S. S. (2012) diz que a solução é “não xingar nem bater para não ser xingado e nem batido.

O posicionamento de M. S. (2012) é preocupante. Ele diz “figarquetonasia e não falar com ninguém.” De acordo com esse pensamento a exclusão auxiliará no processo de impedir a existência e prática da violência. Sabemos que ficar calado não ajuda em nada a identificação de problemas ocorrentes. O diálogo é a melhor alternativa para descobrir que relações desarmoniosas acontecem e para que, em seguida, sejam tomadas providências para o desmanche de conceitos e valores de inferioridade e de discriminação para construir novas perspectivas e novos valores pautados no respeito à diversidade e pluralidade de sujeitos.

A educanda S. N. (2012) diz “Na minha opinião o que vc deve fazer para evitar a violência respeito as pessoas.” Assim como ela P. S. O. fala “devemos respeitar os outros colegas da escola respeita e falar direito com os outros para que esses tipos de violência não seja praticada.” Acrescentando a isso, a aluna W. F. B. (2012) diz que “o que agente devemos fazer é ser amigo de todo mundo. porque a violência vê através da inimizade.” Consideramos, assim, que relações de intrigas e brigas, onde não há a existência da amizade, gera por consequência a inimizade. A intolerância e a ausência do respeito nas

relações interpessoais provoca um convívio desestruturado. A aluna R. S. (2012) complementa com sua fala que diz “Nós devemos ter amor, para todas as crianças e os adolescentes os mais velhos.” Esta aluna ressalta os direitos humanos como garantia de todos os indivíduos, sejam eles jovens ou mais velhos. Notamos uma compreensão de que todos devem ser tratados com amor, independente de quem seja.

S. S. R. (2012) traz um depoimento ao responder esta questão dizendo “Porque aqui tem muita violência e tem vez que se alguém vai tentar separa acaba apanhando também.” O medo termina por impedir que se tenham atitudes de combate ou de reparação à violência, fortalecendo – a ainda mais.

A aluna V. S. A. (2012) salienta que para evitarmos a violência nas escolas “devemos fazer um projeto como esse. Para que as pessoas saibam que é errado xingar e apelidar as pessoas. Só por que elas tem defeitos.” Consideramos, com este pronunciamento, que a oficina desenvolvida beneficiou a construção de uma compreensão a cerca da negatividade do bullying, e da necessidade de agir com respeito para com as pessoas em geral, compreendendo que é equivocado tratar desrespeitosamente as pessoas, conceitando - as com termos pejorativos.

O último momento de nossa experiência se deu através do resultado do posicionamento das crianças através das fichas. Dando início a avaliação das mesmas, trazemos a resposta de J. O. M. (2012) que fala a respeito do que aprendeu sobre violência nos quadrinhos vistos. Ele diz “que a monica pratica o bullg mais do que o sebolinha.” Observamos uma compreensão equivocada com relação à prática do bullying. Consideramos que o aluno ‘enxerga’ esta problemática apenas nos atos de violência física, não percebendo que a violência verbal também se configura na prática do bulying. Além disso, não compreende que as pancadas que a Mônica dá no Cebolinha são respostas a violência que ela sofre.

O aluno L. F. S. (2012) e a aluna V. S. A. (2012) explicam o que aprenderam sobre violência. O primeiro diz “Eu aprendi que e muito importante para mim e as outras crianças que a violência e muito feio para gente.” A aluna, em seguida, diz “Eu aprendi que é erado pratica bullig.” Verificamos que ambos compreenderam que o bullying se

converte em uma prática negativa que não proporciona nenhuma qualidade ou melhora de vida das relações sociais, e que, dessa maneira, deve ser evitada e banida.

Duas respostas remontam a questão da violência gera mais violência. Na resposta de S. S. R. (2012) identificamos essa concepção quando ela diz “Que o cebolinha apelida muito a mônica e a monica se irrita com cebolinha ou Mônica termina termina batendo no cebolinha.” Mônica reage com violência a violência já sofrida. Relembramos o que foi dito anteriormente sobre o desenvolvimento do ciclo de violência e desrespeito. A violência se alimenta dela mesma. E assim fica ainda mais difícil encerrar este ciclo. A fala de W. P. A. (2012) confirma isso. Ele diz “Eu aprendi que a violência jera mais violência como o cebolinha xingado a monica.”

A resposta de L. B. S. (2012) demonstra uma visão de que a violência se encontra presente em todos os ambientes nos quais frequentamos. Nas suas palavras, “Eu aprendi que ondo nos vamos nos encontramos a violência que é praticada pelos mal educados.” Consideramos, diante desta resposta, que a violência atinge os âmbitos sociais muito mais do que pensamos. Como ele afirma esta mesma parte do comportamento de pessoas ‘mal educadas’, ou seja, pessoas que não respeitam os outros e que não entendem que devem cumprir seus deveres, sendo um deles o cumprimento de agir com respeito para com os outros, fazendo efetivar os direitos humanos e os valores éticos.

Três dos alunos lembraram questões essenciais sobre a violência. P. S. O (2012) disse “Que não, devemos. zonbar dos outros.” M. S. disse “eu aprendei que não er para xingar os coleginhas.” Todas as respostas remontam que não devemos promulgar práticas diversas de violência. Que devemos ter posturas éticas e respeitosas em nosso convívio social. O respeito deve prevalecer sempre. Isso é levantado na resposta de M. F. A. (2012) que diz “muitas coisas que devemos respeitar as pessoas do jeito delas.” É a atitude de alteridade, que valoriza e respeita a diversidade dos indivíduos.

R. S. S. (2012) diz “Eu aprendi que nem uma pessoa deve bater nos colegas só chegar e conversar.” Esta criança expõe a importância do diálogo para sanar relações desestruturadas pela violência. Além disso, coloca o diálogo como a alternativa para resolver um desentendimento ocorrido. Não precisasse recorrer a pancadas ou surras, apenas a uma conversa que objetive o entendimento.

Com semelhante conceito da necessidade de relações harmoniosas, a aluna W. F. B. diz (2012) “Eu aprendi a viver mais amiga dos outros. Consideramos, com isso, que a prática realizada a partir deste trabalho, contribuiu para que os participantes da mesma pudessem construir valores positivos e humanos com respeito ao outro, buscando estabelecer um bom convívio e interação com o meio social e com os colegas que ali se inserem.

Partindo para análise da pergunta seguinte que indaga o que é preciso para evitar violência como as vistas através de Cebolinha xingando Mônica, discutimos as respostas de P. S. O. (2012) que diz “não xingar, não fazer coisas que agrida ao próximo e principalmente não provocar.” Semelhante a esta resposta, M. S. S. (2012) nos diz “Não tirando brincadeira de mal gosto.” Verificamos que ambas as respostas se referem a não tratarmos mau o outro, a procurarmos respeitar o espaço do outro e a sua forma única de ser, para que este mesmo se sinta confortável e parte pertencente do grupo.

Dois educandos expuseram respostas semelhantes. D. A. B. (2012) diz “E so ele não xingar a mônica por que ele esta cometendo bulyn e também a mônica não bater nele.” A questão de não iniciar nem prolongar a violência/bullying. S. N. dá uma resposta semelhante e acrescenta “Para evitar a violência entre eles só Cebolinha para de xingamônica é etre agente só agente não quero se mais do que o outros.” Percebemos a noção de igualdade dos indivíduos, que não há ‘melhor ou pior’, ‘bom ou ruim’. O que existe é a diversidade e pluralidade dos indivíduos, e estas não significam a divisão em ‘negativo e positivo’. Todos temos direitos iguais assegurados.

O respeito é colocado como elemento para evitar a violência. Na fala de W. F. B. (2012) ela diz “é preciso respeito entre os dois.” Ela refere-se à Mônica e Cebolinha. P. S. O. (2012) nos diz “Respeitando os outros.” A ética expressa nas atitudes é essencial para que a violência não venha a acontecer. O respeito impede que atos violentos, que não fazem parte da tolerância, aconteçam e se desenvolvam. O respeito é a base para viver em boa harmonia com os outros. É preciso, então, respeitamos todas as pessoas em geral.

Um outro elemento significativo é colocado em questão. Na fala de W. P. A. (2012), assim como na de L. B. S. (2012) eles demonstram que a relação estreita dos pais para com os filhos e para com a família de seus colegas é primordial. O primeiro diz “os

pais educar os filhos direitos ensina aos filhos a xingar os outros.”. Ele cometeu um engano. Esqueceu de usar o não antes da palavra ‘xingar’. Percebemos, com isso, que a questão de que posturas educadas são inicialmente construídas em casa, na relação com a família. Daí a importância de se inserir e conviver em ambientes construtivos, estabelecendo interações que favoreçam e não prejudiquem o desenvolvimento e aprendizagem.

O segundo aluno L. B. S (2012) citado acima diz “Eu acho que e preciso os pais falarem com os outros pais das vítimas que pratica a violência.” Observamos, primeiro, que houve um engano por parte do aluno. Ao invés de utilizar a palavra agressor, ele utilizou a palavra vítimas, mas querendo se referir ao primeiro. Os pais mantendo a comunicação entre si estabelecem a troca de informações e ampliam a possibilidade de ter o conhecimento do que acontece na vida dos filhos. Consequentemente, expande a possibilidade de intervir e influir buscando auxiliar em uma possível situação de violência vivida por ele. Dialogando com os pais dos agressores, os pais das vítimas podem romper com a permanente violência sofrida pelo seu filho ou filha. O diálogo, mais uma vez, contribui para construir relações sãs.

O aluno L. F. S. (2012) acrescenta um conceito sobre bons valores. Ele diz: “Se a gente se entende com todo mundo iria ser uma paz no mundo inteiro”. Com esta afirmação, consideramos que as boas relações e interações humanas repercutem no contexto global, num espaço em geral, influenciando em outros âmbitos sociais próximos a nós. Aquilo que se encontra perto de nós atinge-nos. Os elementos constituintes do meio social ao qual nos inserimos interferem em nosso processo de desenvolvimento, constituição e formação do ser.

Avaliando a terceira pergunta que interroga como devemos conviver com nossos coleguinhas na escola, a aluna V. S. A. (2012) diz algo bastante necessário. “tratando eles bem e evita o bullig, mas não é so na Escola tambem nos outros lugares.” Observamos, com esta fala, que a educanda compreendeu que respeitando e tratando bem as pessoas nós nos relacionamos bem e não damos espaço para o bullying, uma vez que este se origina de relações desestabilizadas pela violência e desrespeito entre os indivíduos. Além disso, ela salienta que devemos ter essa postura não só na escola, mas em todos os

outros lugares que formos. É ética deve ser parte de nossa subjetividade, portanto devemos utilizá-la constantemente.

W. F. B. (2012) diz que “Nós devemos conviver com respeito e também sem preconceito.” Esta aluna levanta a questão do preconceito como algo que impede o respeito no convívio. Ao dizer que devemos conviver com respeito ela demonstra que o preconceito não faz parte disso, já que sabemos que este último causa desconforto, exclusão além de várias outros problemas no indivíduo vítima dele. É preciso, então, estabelecer o respeito. Sob esta ideia, L. F. S. (2012) diz que “se a gente não xingou uns aos outros na escola onde meus amigos estudam não teria briga e apelidos.” Se tratarmos bem aqueles que convivem conosco, conseqüentemente construiremos relações construtivas. Vivemos bem e permitimos que o outro também viva bem.

A aluna M. F. A (2012) diz que devemos conviver “bem como você que ser tratado.” Deve promover ao outro o respeito que desejo para mim mesmo. Se reconheço meus direitos e almejo ser respeitado e aceito como sou, devo fazer o mesmo com o outro, uma vez que ele, assim como eu, é um cidadão que também possui seus direitos. P. S. O. (2012) salienta que devemos conviver com nossos coleguinhas de modo a “ajudá-lo onde ele tem mais dificuldade de aprender e nem magoá-lo com palavras ofensivas.” Boas relações provêm não só de comportamento respeitoso, mas também do desmancha do individualismo tão arraigado em nossa sociedade atual, destacado por Almeida e Bracht (2006) em seus estudos pautados em Bauman, para a promulgação e ampliação de atitudes de ajudar e cooperar, contribuindo para boas relações interpessoais e para a construção de espaços sociais que influenciem positivamente nossa formação enquanto indivíduos.

Analisando as respostas da quarta e última pergunta que indaga por que é importante respeitar o coleguinha e evitar a violência levantamos a resposta de R. S. S. (2012) que diz “Porque se você não respeitar o seu colega você acaba ficando sem ele.” Observamos nesta fala a referência ao rompimento dos laços, ao desgaste das relações quando nestas promove-se a prática do bullying, da violência ou do desrespeito. É preciso priorizar relações sãs.

J. O. M. (2012) diz “para ser respeitado”. Semelhante a esta fala a educanda S. N. diz “Porque respeito todo nudo quer ninguem gosta de ser agredido.” Observamos a referência feita constantemente com relação à importância do respeito. Quando o primeiro aluno diz que é importante respeitar o outro para também ser respeitado consideramos que o respeito gera mais respeito, da mesma forma que violência gera mais desrespeito e violência. Devemos, então, primar pelos direitos humanos para gerar um ciclo de respeito mútuo, como diz V. S. A. (2012). “Para não ave bullig entre as pessoas.” Mas sim o bom convívio e interação social.

As alunas P. S. O. (2012) e M. F. A. (2012) utilizaram motivos semelhantes. De acordo com a primeira é importante respeitar os colegas “porque assim nós teremos um mundo melhor para viver.” A segunda educanda diz “para o mundo seja melhor.” Os direitos humanos permitem uma melhor vivência que converte num mundo mais estável e estruturado.

A compreensão de que é preciso a cautela de nossos atos para evitarmos resultados negativos, como diz Oliveira (2008) junto à Boaventura, é ressaltada na fala de M. S. S. (2012) ela diz “Por que do jeito que você esta fazendo com ele outra pessoa vai fazer o mesmo com você e você não vai gostar.” Se tomarmos cautela em nosso cotidiano, podemos evitar consequências e reações negativas.

Finalizando as respostas, trazemos para análise a resposta de W. F. B. (2012) que diz “Pra mim é importante porque isso é um jesto de amor e de carinho.” Concordamos com Candau quando ela fala que “Sem horizonte utópico, indignação, admiração e o sonho de uma sociedade justa e solidária, inclusiva, onde se articulem políticas de igualdade e de identidade, para nós não existe educação”. Candau (2008, p. 13). É preciso acreditar que a educação transforma, é preciso acreditar que podemos ocasionar mudanças e transformações por meio da educação. O desafio é exatamente este, acreditar e pôr em ação esta potencialidade educacional, que é capaz de formar e construir sujeitos “conscientes de suas ações, valores e projetos de referência e atores sociais comprometidos com um projeto de sociedade e humanidade.” Candau (2008, p. 13).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho trouxe ganhos significativos para a minha vida pessoal, acadêmica e profissional. Levou-me a uma profunda reflexão sobre a forma intrínseca que a manifestação violenta do bullying vem apresentando com as relações humanas, bem como com as relações estabelecidas no interior das instituições escolares. Nos mostra, além disso, que devemos, enquanto seres humanos, nos sensibilizar com as situações de dificuldade e de sofrimento alheios, assim como com a violência e o desrespeito configurados em nossa sociedade.

A postura do não conformismo é essencial para que estas problemáticas possam ser estudadas objetivando o levantamento de estratégias e providências que venham a desmanchar valores negativos ou de inferioridade ou mesmo de discriminação e intolerância para que, então, haja a discussão e promulgação dos direitos humanos e, por conseguinte, a reparação destas relações desestabilizadas pelo fenômeno social bullying.

Esta tarefa também passa a ser de responsabilidade da Educação e dos profissionais que a fazem e a formam. Dessa maneira, acredita-se que este trabalho possa trazer uma significativa importância para a academia, uma vez que esta se caracteriza como o locus do conhecimento que tem, entre suas funções, abarcar pesquisas e análises minuciosas e detalhadas sobre diversos conhecimentos.

As questões do fenômeno social bullying derivante da prática de violência permeados na realidade atual se tornam um aspecto a ser estudado pela educação, dada a intensa repercussão negativa que este causa no processo educacional e na vida estudantil e pessoal daqueles que são atingidos por ele. Os profissionais precisam estar preparados para depararem – se com estas problemáticas na prática.

Portanto, que a academia, como fonte de preparação destes profissionais, precisa oferecer subsídios, informações e a preparação adequada para que os mesmos possam adentrar no campo de trabalho capacitados a construir uma relação em sala de aula e com os educandos de valorização da diversidade, pluralidade, alteridade e de valores do respeito, conduzindo-os a optarem por posturas éticas e respeitadoras para com os colegas.

Observamos através da pesquisa realizada, que a violência manifestada em sua faceta do bullying é realidade permanente na escola. Verificamos, com isso que, muito mais do que imaginamos, o bullying é uma prática recorrente possivelmente em outras escolas também. É por isso e por tantos outros motivos já ditos até então, como o prejuízo causado na vida dos indivíduos (crianças, jovens e adultos), que este fenômeno precisa ser cada vez mais estudado e analisado pela esfera acadêmica, assim como pelos estudantes e futuros profissionais da educação.

Este estudo realizado, ao utilizar as histórias em quadrinhos como elementos constituintes do trabalho pedagógico, salientou a contribuição que estas podem proporcionar à prática educativa. Mostrou uma maior motivação e interesse por parte das crianças participantes da oficina, que foram conduzidas a pensar e repensar sobre os seus comportamentos, sobre o comportamento dos colegas e sobre saudáveis e prejudiciais relações sociais.

As tirinhas da turma da Mônica que foram utilizadas neste estudo, enquanto forma de linguagem, ao discutir sobre o bullying, veiculava este fenômeno com a realidade dos educandos e com os direitos humanos. Como resultado, obtivemos opiniões das crianças que afirmaram ser necessário respeitar o colega e também ser respeitado para, dessa forma, haver verdadeiramente um mundo melhor e não acontecer o que acontece entre Mônica e Cebolinha, o total desrespeito à forma de ser do outro, que gera, neste caso, a prática do bullying, conduzindo por vezes à violência drástica.

Tenho um sentimento de dever cumprido, pelo menos momentâneo. Considero que contribuímos de forma singular com informações e estudo a respeito de uma realidade que circunda nossas vidas. Então, desenvolvemos este trabalho a partir deste tema como forma de auxiliar no combate a propagação desta violência, sendo este realizado através de um processo educativo da alteridade, tolerância e respeito à diversidade, questões essenciais às posturas humanas.

Por fim, almejamos contribuir com outras pesquisas do campo do curso de pedagogia propiciando uma discussão sobre os direitos humanos que contrapõem-se ao bullying. Esperamos que este trabalho venha a colaborar com pesquisas que virão a tratar sobre violência, bullying e valores éticos.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Felipe Quintão de; BRACHT, Valter. Da modernidade sólida à modernidade líquida, In: **Emancipação e diferença na educação: uma leitura sobre Bauman**. Campinas, São Paulo. 2006. p. 55-80.

BRASIL, **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: http://portal.mj.gov.br/sedh/ct/legis_intern/ddh_bib_inter_universal.htm. Acesso em: 09 dez. 2012.

CALAZANS, Flávio Márcio de Alcântara. As histórias em quadrinhos, In: **Histórias em quadrinhos na escola**. São Paulo. 2004. p. 10-14.

_____. Os quadrinhos e a linguagem cinematográfica, In: **Histórias em quadrinhos na escola**. São Paulo. 2004. p. 18-19.

_____. Os quadrinhos: usando como conteúdo didático, In: **Histórias em quadrinhos na escola**. São Paulo. 2004. p. 15-18.

CANDAUI, Vera Maria. Construir ecossistemas educativos – reinventar a escola, In: **Reinventar a escola**. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. 2008. p. 11-16.

FREIRE, Paulo. Ensinar é uma especificidade humana, In: **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo. Paz e terra. 1996. p. 91-93.

GABRIEL, Carmen Teresa. Escola e cultura: uma articulação inevitável e conflituosa, In: **Reinventar a escola**. 6. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro. Vozes. 2008. p. 17-21.

LUCCI, Marcos Antônio. **A proposta de Vygotsky: A psicologia sócio-histórica**. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo. 2006. p. 2-8.

MENDONÇA, M. R. S. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos, In: **Gênero textuais e ensino**. (Org.) BEZERRA, Maria auxiliadora, DIONÍSIO, a.p., MACHADO, a.r. Rio de Janeiro. 2002.

NOGUEIRA, Rosana Maria César Del Picchia de Araújo. A prática de violência entre pares: o bullying nas escolas. **Revista Iberoamericana de educación**. Nº 37. 2005. p. 93-101.

OLIVEIRA, Cristiano Lessa de. **Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características**. Disponível em: http://www.unisc.br/portal/upload/com_arquivo/um_apanhado_teorico_conceitual_sobre_a_pesquisa_qualitativa_tipos_tecnicas_e_caracteristicas.pdf. Acesso em: 22 nov. 2012.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Educação, formação de subjetividades democráticas e democracia social, In: **Boaventura e educação**. 2. ed. Belo Horizonte. Autêntica. 2008. p. 101-119.

RAMOS, Paulo; VERGUEIRO, Waldomiro. **Quadrinhos na educação: da rejeição à prática**. São Paulo. Contexto. 2009.

RIFIOTIS, Theophilos. Direitos humanos: sujeito de direitos e direitos do sujeito, In: **Educação dos direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa. Editora Universitária. 2007. p. 233-236.

RITTES, André. As mídias na escola e o lugar das HQs nos processos formativos do aluno, In: **As histórias em quadrinhos na escola: A percepção de professores de ensino fundamental sobre o uso pedagógico dos quadrinhos**. 2006. Dissertação (mestrado). Universidade Católica de Santos. Santos. p. 23-34.

_____. Educação e mídia, In: **As histórias em quadrinhos na escola: A percepção de professores de ensino fundamental sobre o uso pedagógico dos quadrinhos**. 2006. Dissertação (mestrado). Universidade Católica de Santos. Santos. p. 34-38.

SADER, Emir. Contexto histórico e educação em direitos humanos no Brasil: da ditadura à atualidade, In: **Educação dos direitos humanos: fundamentos teórico-metodológicos**. João Pessoa. Editora Universitária. 2007. p. 75-83.

SILVA, Ana Beatriz Barbosa. Bullying: perigo nas escolas, In: **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro. Objetiva. 2010. p. 20-25.

_____. Os personagens dessa tragédia, In: **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro. Objetiva. 2010. p. 37-46.

APÊNDICE

QUESTIONÁRIO

Nome:

Idade:

Ano (série):

Você se considera:

branco negro indígena outro – Qual? _____

1 - Você gosta de histórias em quadrinhos (gibi)?

sim não

2 – Quais os tipos de quadrinhos que você gosta?

Turma da Mônica DC Universe Heróis Marvel Comics Disney

menino maluquinho

3 – Quando você vê nos quadrinhos uma cena de violência o que você acha?

4 – Você já presenciou cenas de violência na escola?

sim não

5 – Algum coleguinha na escola já xingou ou bateu em você?

sim não

6 – Quando alguém cometeu violência com você na escola o que você fez?

ficou calado e não disse nada em casa disse a professora

disse para seus amigos disse para sua mãe

7 – O que você pensa dos coleguinhos da escola que batem e xingam os outros?

8 – Quando você vê no gibi (história em quadrinho) a Mônica batendo no Cebolinha com seu coelhinho o que você pensa?

9 – Se alguém fizesse o mesmo com você o que você faria ou diria?

10 – Para você, quando o Cebolinha xinga a Mônica, ele está praticando bullying (violência)? Sim ou não? Porque?

11 – Na sua opinião, o que devemos fazer para evitar a violência nas escolas? Como por exemplo xingar e bater.

Nome:

Idade:

Ficha

1 – O que você aprendeu sobre violência nos quadrinhos vistos?

2 – O que é preciso para evitar violência como essa vista através de Cebolinha xingando Mônica?

3 – Como devemos conviver com nossos amiguinhos na escola?

4 – Para você, porque é importante respeitar o coleguinha e evitar a violência?